



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO - UNICAP
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

DARCI FRANCISCA DA SILVA

**O ANJO POETA:
RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E MISTICISMO
EM ESCRITOS DE DOM HELDER CAMARA**

**RECIFE
2008**

DARCI FRANCISCA DA SILVA

**O ANJO POETA:
RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E MISTICISMO
EM ESCRITOS DE DOM HELDER CAMARA**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques

**RECIFE
2008**

- S586a Silva, Darci Francisca da
O anjo poeta : relação entre literatura e misticismo em escritos de Dom Helder Câmara / Darci Francisca da Silva ; orientador Luiz Carlos Marques, 2008.
98 f.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Mestrado em Ciências da Religião, 2008.
1. Câmara, Hélder, 1909-1999. 2. Espiritualidade. 3. Estado. 4. Religião e literatura. 5. Misticismo. I. Título.

CDU 261.7

DARCI FRANCISCA DA SILVA

**O ANJO POETA:
RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E MISTICISMO
EM ESCRITOS DE DOM HELDER CAMARA**

Dissertação apresentada à Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

APROVADA em: 12 / 05 / 2008

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. **PAULO ASTOR SOTHE** - UFPR
Examinador externo

Prof. Dr. **Gilbraz de Souza Aragão** - UNICAP
Examinador interno

Prof. Dr. **Luiz Carlos Luz Marques** - UNICAP
Orientador

**RECIFE
2008**

DEDICATÓRIA;

Esta pesquisa, enfocando um tema de alto valor e relevo, aonde proposições vêm demonstrar a pertinente relação entre literatura e misticismo em escritos de Dom Helder Camara, a partir desse momento, representa uma dádiva ao meu grande amigo, Pe. Antonio Maria Guérin, o qual desenvolveu um bom trabalho pastoral junto ao arcebispo místico de Olinda e Recife, durante vinte anos e que até hoje, o referido sacerdote busca pautar a sua vida nos ensinamentos evangélicos, mas, também seguindo a espiritualidade helderiana.

AGRADECIMENTOS

Ao Pai Criador, que me chamou à vida e que até hoje caminha comigo lado a lado, quer ao brilho do sol, quer nas intempéries, ou até mesmo, quando, às vezes, a noite vem.

À minha querida filha, Nancy Pereira da Silva, a qual representa uma viva chama a minha vida acadêmica.

Ao meu irmão, Augusto Veloso da Silva Filho, que por mim tem toda admiração e apreço.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques, grande pedagogo, além de orientador da pesquisa.

Seu firme caráter e competência muito lhe possibilitaram um novo esquema de estratégia, o que me proporcionou segurança e vontade para prosseguir na dissertação.

Ao Prof. Dr. Paulo Astor Soethe, da Universidade Federal do Paraná, pela solicitude em dirigir os trabalhos no momento oportuno de minha defesa.

Ao Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão, pela amizade e apoio e, sobretudo, por tão grande apreço à minha pessoa.

Aos docentes do Mestrado em Ciências da Religião, pelo encorajamento que proporcionaram para que eu pudesse prosseguir até o final do referido curso.

À Equipe médica: Dr. Maurício José de Matos, Dr. Romildo Araújo Pereira Filho, Dr. Uyapuran Torres Medeiros e Dr. José Pedro Lopes Teixeira, os quais recorreram a “n” recursos, a fim de que fosse eu liberta de um grande mal.

Aos Padres amigos; Alberto Antonio Moreira, Lino Rodrigues Duarte e Manoel Messias.

Às amigas que não mediram esforços em prestar-me auxílio e com as quais posso sempre contar; Algenite de Lima Siqueira, Andréa Araújo de Freitas, Anísia Lemos Silva, Áurea Braga da Silva, Isaura Ângela Rodrigues de Aragão, Cevimar Ribeiro Cavalcanti, Jovelina

Aquino de Souza, Lourdes Graciano, Maria Anunciada Guimarães, Maria de Lourdes

Santana, Marcília Pessoa de Cabral Vasconcelos e Silene Alcântara dos Santos.

Aos amigos, João Aberto Rocha de Oliveira, Mario Motta e Paulo Cavalcanti da Silva, pela paciência em me prestarem tanto serviço.

L'AUDACE DU CRÉATEUR!

Si j'étais à ton côté, Seigneur,
Avant la création,
J'aimerais t'aider...
Tu es tellement humble!
Si un doute quelconque menace de t'emmener à non créer
Je Te dirais:
"C'est vrai, Seigneur:
La création hors de Toi
Brissera ton unité...
Elle sera, nécessairement, multiple,
Finie, bornée, imparfaite...
N'hésite pas, Seigneur!
Le courage de créer
Démontrera, pour toujours,
Ton audace et ton humilité"

(Se eu estivesse a teu lado, Senhor.
Antes da criação,
Gostaria de ajudar-Te...
Tu és tão humilde!
Se alguma dúvida
Ameaçasse de levar-Te a não criar
Eu Te diria:
"É verdade, Senhor:
A criação fora de Ti
Quebrará tua unidade...
Ela será, necessariamente, múltipla,
Finita, limitada, imperfeita...
Não hesites, Senhor!
A coragem de criar
Demonstrará, para sempre,
Tua audácia e tua humildade".)

RESUMO

Por toda parte, tem-se presenciado o surgimento de um renovado interesse pela espiritualidade e por suas expressões religiosas. Em sintonia com tal busca, a presente pesquisa versa sobre a “Relação existente entre literatura e misticismo em escritos de dom Helder Camara”, a partir da constatação de que o misticismo, embora sendo um exercício espiritual raro, em sua atitude básica, é ele o esforço pela união entre a realidade e a transcendência, implicando a correspondente coragem de tomar sobre si o não-ser. E isso representa um recurso que proporciona a escuta e o acolhimento do divino, integrando fé e vida, a ponto de que seus praticantes possam exercitar-se num diálogo com seu Deus. Os místicos podem, criativamente, fazer uso da linguagem literária no manuseio das palavras, quando, nas narrativas históricas, descrevem planos, realizam esboços dos seus discursos a proferir e registram maduras meditações. A imaginação flui em configurações que apontam para dimensões não palpáveis à compreensão daqueles que, minimamente, não perceberam suas conformações.

Palavras-chave: Estado, Igreja, Movimentos Sociais, Espiritualidade, Experiência Religiosa.

ABSTRACT

Interest in spirituality and its literary expressions has become very popular. Being part of this interest, his research of dissertation seeks a relationship between literature and mysticism in the works of the Bishop Helder Camara. It begins with a realization that mysticisms, though not common, in its attitude, in an effort to form a union between reality and transcendence, necessitating a corresponding courageous attitude to accept a “state non-being” which represents a way and proportions a listing and reception of the divine, integrating faith and life, caking its practitioners an experience of God. The mystics can creatively use literary language. When they narrate histories, describe projects, write discourses, record nature. Meditations or let imaginations flow in configurations which point to dimensions non-experimental to comprehensions which still minimally do not comprehend to his according.

Key words: State, Church, Social Moviments, Spirituality, Religious Experience.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MÍSTICA E LITERATURA. A PALAVRA DOS TEÓRICOS	17
1.1 DEFINIÇÕES DE MÍSTICA	17
1.1.1 O Deus dos Místicos	17
1.1.2 A religião em torno do sagrado, poder experienciado com o outro	21
1.1.3 O silêncio na vida do místico	24
1.1.4 Qual o sentido verdadeiro da Prece?	25
1.1.5 Características do Sagrado/ Divino	26
1.2 RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA	31
1.2.1 Recontar histórias com palavras que recriem o mundo	34
1.2.2 Bíblia e Literatura	36
1.2.3 Teologia e literatura - dois modelos de aproximação	38
1.2.4 O modelo da realização	38
1.2.5 A teologia na história da igreja	39
1.2.6 As duas fases do método teológico	40
1.2.7 O teólogo: ouvinte da palavra bíblica	41
1.2.8 Teologia e vida	42
1.2.9 O teólogo e o ensinamento oficial da Igreja	42
1.3 DEFINIÇÕES DE LITERATURA	44
1.3.1 Relação entre Poesia e Teologia	44
1.3.2 A Teopoética defendida por Karl-Josef Kuschel	44
1.3.3 A caminho de uma Teopoética	46
1.3.4 Como tratar de Literatura? Os métodos confrontativo e correlativo?	47
1.3.5 Teopoética: quais os critérios estilísticos para um discurso sobre Deus?	51
1.3.6 A Teopoética de Rubem Alves	53
1.3.7 Contradição da teologia	55
1.3.8 A sagração da poesia	57
2 DOM HELDER PESSOA CAMARA	59
2.1 SÍNTESES BIOGRÁFICAS	59
2.1.1 Fortaleza, Ceará (1909-1936)	59
2.1.2 Rio de Janeiro, DF / Guanabara (1936-1964)	59
2.1.3 Recife, Pernambuco (1964-1999)	61
2.2 DOM HELDER E O SEU ANJO JOSÉ	64
2.3 O OUTRO: O OBJETIVO DA PALAVRA DE DOM HELDER	64
2.4 MENSAGENS DE UM PROFETA NORDESTINO	65
2.5 ANO DOIS MIL SEM MISÉRIA	67
3. ANÁLISES DE TRECHOS DE OBRAS DE DOM HELDER	69
3.1 INÉDITOS DE FORTALEZA	69
3.1.1 A escolha de Deus	69
3.1.2 Reminiscências do púlpito	71
3.1.3 Declarações testamentárias	74
3.2 ALGUNS POEMAS DE DOM. HELDER CAMARA	79
3.3 SINFONIA DOS DOIS MUNDOS	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	97

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, homens e mulheres brilharam em suas inteligências e desenvolveram importantes tarefas, seguindo seus pensamentos. Por exemplo, Platão-investigador das relações sócio-políticas. Hipócrates-pai da medicina; Confúcio-filósofo da brandura; Teresa de Lisieux-doutora da Igreja; Moisés - mediador do processo de libertação do povo hebreu; Dom Helder Camara-profeta da paz e irmão dos pobres.

Falar hoje em misticismo, talvez possa parecer assustador às classes sociais da época. Todavia, vale afirmar que, em qualquer situação ou realidade em que alguém se encontre, há sempre um reflexo de crença e de religiosidade, visto que a experiência religiosa acontece na experiência geral; elas podem ser diferenciadas, jamais separadas. O que muda, portanto, é a relação com o sagrado. O comportamento do ser humano religioso revela essa vivência com esse sagrado. Tal comportamento se expressa através de símbolos e mitos. Estes, por sua vez, vão organizando o pensamento graças à posse e ao uso da linguagem.

Nestas páginas, nós nos propomos a estabelecer um paralelo entre Literatura e Misticismo em escritos de Dom Helder Camara.

Poderá, quem sabe, ser surpreendente que misticismo seja evocado ao lado de um tema tão belo e rico como o é a literatura, a qual se destina à análise dos fatos literários; Porém falar de experiência religiosa significa interrogar-se acerca da possibilidade de assumir a atitude de quem se dispõe a escutar, a prestar atenção àquilo, que na própria linguagem dos símbolos, é, simultaneamente, revelado e ocultado, porque a experiência religiosa implica uma ruptura do nível ontológico, a passagem de um umbral, uma separação radical das experiências habituais intramundanas, que é o âmbito do sagrado, do transcendente, do mistério.

A escolha do tema é motivada, em grande parte, pelos argumentos de que nas experiências religiosas das pessoas, nas fusões culturais e, no caso da literatura de conteúdo místico, nas interpretações literárias, várias formas de linguagem e texto sobre o mistério mais profundo de nossa existência, vêm-se presentes.

Segundo Antônio Magalhães no seu livro: “Deus no Espelho das Palavras”, palavras são espelhos que refletem nossas imagens, que nos ajudam a ser melhor para nós mesmos e para com o próximo. São elas também que fazem repousar em si a proximidade e a distância da verdade (2000, p. 19-20).

Essa verdade que está próxima é, ao mesmo tempo, mantida sob a proteção das tentativas de dominação e objeto do esforço teológico de ser um discurso coerente no mundo; falamos da verdade, falamos de Deus e de nossa experiência com o mistério doador de nossas vidas. A literatura pode ser companheira desse diálogo e dessa busca.

Nessa perspectiva, insere-se a trajetória da ação mística de Dom Helder Camara, que germinou como semente e fertilizou o terreno onde esteve, expandindo as funções mais importantes da sua inteligência, tais como aprendeu a interiorizar-se, a destilar sabedoria diante das dores, a trabalhar as perdas e as frustrações com dignidade, a agregar idéias, a pensar com liberdade e consciência crítica, a gerenciar os pensamentos e emoções nos focos de tensão, a expandir a arte da contemplação do belo, a doar-se sem contrapartida do retorno.

Literatura e religião se confundem, pois ambas expressam o corriqueiro, as firulas e mesquinhez do cotidiano, ao mesmo tempo, em que nos puxam para o insondável, para algo que nenhuma atitude reprodutora da satisfação do dia-a-dia conseguirá atingir, porque o que procuramos vem da parte do além e, ao mesmo tempo, de certa forma, visível aos nossos olhos (MAGALHÃES, 2000, p. 129).

Literatura e religião são irmãs nas desventuras da vida, na construção de valores ou na recriação do mundo. Na confirmação de um mundo que requer nossa servidão ou na transformação do velho em novo, na superação das margens.

Para Antônio Manzatto, a literatura longe de ser alienante, ela é vista como leitura da sociedade, por revelar nuance desta, seus conflitos, grupos, formas de vida, sonhos e valores. Por ser antropocêntrica, a literatura abre um importante diálogo com a teologia. (MAGALHÃES, 1995, p. 83).

A literatura caminha então entre a linguagem científica, sem querer ser dissecadora e unívoca e a linguagem cotidiana, sem dispensar uma sistematização

do mundo, uma organização do caos social e religioso. Ela se encontra nas fronteiras dos saberes, incorporando críticas e estéticas; juízo e simbolismo; história e mito; ciência e poesia. (LIBÂNIO, 1995, p. 123). Ele enfoca três campos semânticos: religião, religiosidade e fé. A religião diz respeito ao aspecto institucional que estrutura ritos, símbolos, doutrinas, mitos e que os transmite para serem vividos por uma comunidade de fé.

A religiosidade é vista antes como a dimensão subjetiva das pessoas que buscam satisfazer-se com os produtos religiosos à disposição.

A fé relaciona-se, principalmente, com uma revelação, com uma palavra transcendente que pede conversão e prática. No concreto da vida das pessoas, esses três universos se entre mesclam. No entanto, certa clareza conceitual ajuda a interpretar melhor a realidade (LIBÂNIO, 1995, p. 2).

Eliade defende que as expressões religiosas, assim como as artísticas, devem ser entendidas em seu próprio nível, isto é, em termos de seus próprios modos singulares de estruturar a experiência. Toda experiência religiosa é expressa e transmitida em um contexto histórico específico. Mas admitir a historicidade das experiências religiosas não implica em reluzi-las a formas não religiosas de comportamento (PADEN, 2000. p. 126).

Ele admite que, obviamente, não existem fenômenos puramente religiosos e que, como a religião é humana, ela, por essa razão, deve ser algo social lingüístico, algo econômico; não se consegue pensar o homem separadamente da linguagem e da sociedade.

O comportamento do ser religioso é o espelho de uma experiência do sagrado. Tal atitude se manifesta em seus símbolos, mitos, ritos e têm ligação com sua vida concreta. (CROATTO, 200,1 p. 57).

Ainda nós nos propomos, outrossim, a demonstrar a importância da mística no cotidiano das relações entre pessoas, fazendo ver como o sagrado é encenado na literatura, por palavras, imagens, histórias e pela construção de espaço e de tempo.

No que concerne à relação entre misticismo e literatura em escritos deixados por Dom Helder Camara, particularmente, em suas meditações, publicadas em algumas obras, como: “O Deserto é Fértil”, “Um olhar sobre a cidade”, e outras tantas, ainda não publicadas, existentes no rico acervo cultural documental, sobretudo em várias cartas circulares, as quais foram escritas, ao longo dos anos de sua existência, quase, que diariamente, a um grupo de amigos e colaboradores, primeiramente, do Rio de Janeiro; posteriormente, incorporadas ao grupo de Recife.

Nessas cartas, Dom Helder escrevia meditações e poemas que podem ser analisados sob uma ótica, que possa banalizar o presente projeto de pesquisa, em virtude de ele mesmo possuir um estilo próprio de encarar a realidade dos fatos, bem como o de saber ser profeta e arcebispo, sem menosprezar a situação do seu povo sofrido nordestino. E, além disso, não eram as regras gramaticais que o norteavam nas redações, nem tampouco as normas padronizadas do discurso acadêmico, mas, principalmente, a prática evangélica e o valor da pessoa humana falavam-lhe fortemente aos ouvidos.

Seus escritos demonstram um olhar de perspicácia e franqueza frente à realidade em que se insere, contribuindo, dessa maneira, para o conhecimento de uma pesquisa ainda, pouco explorada, a que se poderá transportar a um empenho que nos poderá ser proposta. “Literatura e Misticismo”, especialmente, quando se trata de escritos de alguém tão vivo e tão presente na nossa Igreja de Olinda e Recife, e por que não dizer reconhecido internacionalmente? Alguém, cuja projeção foi alcançada pelo profetismo, pela coragem de ser e de se portar perante os desafios encontrados, seja quando a censura em seu país lhe impunha o silêncio, seja quando sua voz estava prestes a extinguir-se. Por aí se vê, como a identificação mística transcende as barreiras e faz calar as forças locais que se levantam diante de tão grande mistério.

Para um melhor enriquecimento da pesquisa, iremos nos servir de autores que já mantiveram teorização sobre a relação existente entre literatura e misticismo, conforme listaremos nas referências. E, obtendo um favorável resultado da pesquisa, saberemos determinar um ponto de partida para uma possível

publicação, atendendo assim aos interesses de estudiosos no campo literário, vindo servir também de subsídios àqueles que se encontram inseridos nos domínios da Ciência da Religião.

Desde muito, tenho me interessado pela leitura dos poemas de Dom Helder Camara. Sempre que os ouvia, ou tentava lê-los, parecia-me que algo novo estava surgindo, como se fosse um “empurrão”, uma sacudidela ao trabalho.

Tempos se foram e eu queria tê-los comigo. No entanto, devido ao acúmulo de tarefas, fiz uma longa pausa nas minhas buscas. Ingressei na universidade e detive grande parte do meu tempo e de minha atenção ao estudo das letras, no tocante à literatura e à lingüística.

E que bela descoberta fiz eu! Por quê?

Porque estudando literatura, lingüística e, dedicada ao trabalho pastoral, tive a oportunidade de melhor debruçar-me sobre seus escritos, digo melhor, os de Dom Helder Camara. Então, meu horizonte foi-se abrindo. A longa pausa conheceu seu término, livros e outros escritos do “Dom da Paz” tiveram acesso às minhas mãos e o útil e o agradável encontraram-se.

O encontro de ambos me deixou curiosa e por que não dizer inquieta?

Em que consistia e até hoje consiste essa minha inquietude? Em querer saber mais e mais a respeito do misticismo que está contido em suas palavras, pois como ele falava da verdade, falava de Deus e das nossas experiências cotidianas, tudo isso nos vem dizer algo merecedor de uma meditação e de um profundo estudo. Meditação esta que não significa apenas alguns instantes de silêncio, ou afastamento das atividades diárias. Ela se faz presente por toda uma existência, desde que estejamos atentos à voz do outro e aos eventos que se nos apresentam.

Também, não venha dizer-me que ele só se interessava por políticas e coisas de igreja. Seria uma inverdade. Político, cada qual deve ser, independentemente de qualquer ala partidária, visto que somos cidadãos e a nossa tarefa é manter a política do bem viver.

Pertencer ou não à igreja não é privilégio e sim responsabilidade. Aliás, a igreja não é aquela casa de pedra, de cimento armado, lugar bonitinho, para onde

alguns se dirigem dominicalmente. Poderá até sê-lo, desde que saibamos comportar-nos em conformidade aos seus aprendizados e as suas diretrizes. Mas, sobretudo, a igreja é toda uma convivência humana, é esse acolher-se mutuamente, é uma co-presença na vida dos que nos cercam. Logo se era ele homem de igreja, não poderia omitir-se a levantar sua voz, cantando as maravilhas do Criador e denunciando ainda as injustiças e desmando de uns chefões, “donos” do mundo e dos bens, restritos a uns poucos, bem poucos.

Diferentes vestígios da linguagem religiosa são encontrados na linguagem literária, nas suas mais variadas formas de expressão. E a literatura disso é companheira.

Como Dom Helder falava sempre de Deus, Deus preenchia todo o seu ser. Esse seu falar de Deus estava bem alicerçado na sua profunda experiência diária. Que ele falava de Deus, sim, é verdade; porém, antes da emissão da fala, ele já testemunhava esse Deus, como que O saboreando, degustando-O em cada uma das suas etapas de vida.

Ao nível da linguagem, a teologia não foge a essa regra, porque Deus, representando o “Aquele”, o qual o ser humano conhece, na mística, expressando-O através da linguagem, constituindo, dessa forma, uma procura nos momentos de fé; é isto o que encaminha o homem na busca do conhecimento e o faz prosseguir nessa trajetória. É Ele a fonte da qual procede todo e qualquer saber. Uma vez conhecido pelo homem, Deus não o aprisiona, nem tampouco irá mantê-lo sob sua tutela, à moda escravagista.

Deus será, a partir daquele instante, o alguém com o qual o ser humano se sente um aliado. Ambos, de mãos dadas, começam a encantar-se com o progresso e as descobertas da ciência. A palavra, o nome de Deus, uma vez invocado, vai inserindo-se no discurso, do dia- a- dia do povo, nessa comunidade cristã, apelidada de “Igreja”.

O místico, durante a sua existência, sente-se atingido e tocado pelo mistério de Deus.

Estabelecendo um paralelo entre os ensinamentos de Jesus Cristo e o exemplo de vida de nosso Dom Helder, até poderíamos nos perguntar: por que ele, Dom Helder, fala dessa maneira? As Escrituras relatam que os contemporâneos de Jesus se interrogavam quanto à sua sabedoria. Consultando um trecho do Evangelho de Mateus: “De onde lhe vem todo esse saber?” (Mt 13, 54). Jesus se dirigia à multidão, ensinando-lhe com autoridade, com clareza. Nada de hesitações. E, sendo ele de condição humilde, porém, divina, o Pai o dotou de grande conhecimento e os doutores da época que o ouviam ficavam maravilhados com as suas respostas. Jesus de Nazaré, judeu por raça, por origem e por pertença, ia introduzindo no seio da comunidade, à qual pertencia, a novidade, uma boa possibilidade de dialogar e isso não era uma prática dos escribas e fariseus. Teólogos, místico, não estavam inseridos nesse contexto de abertura às massas. Deveriam estar acomodados num recinto de destaque, sem se preocuparem com a vida de um povo.

Dom Helder teve uma vida dinâmica. Não foi bispo de birô e somente de altar - missa, missa, etc. O evangelho o deixava por demais inquieto; como poderia ele sossegar, vendo que inúmeros pobres iam à noite, aos seus leitos sem nada terem comido? E, pior ainda, nem leitos tinham! Logo, ele gritava, denunciando esses desmantelos sociais e também religiosos que a sociedade lhes impunha desrespeitosamente. A culpa não compete apenas às autoridades, mas é nossa que nos dizemos “Igreja”, “Cristãos”, “Teólogos”, “Agentes de Pastoral”, etc se nós nos calarmos, as pedras gritarão.

1 MÍSTICA E LITERATURA. A PALAVRA DOS TEÓRICOS

1.1 DEFINIÇÕES DE MÍSTICA

1.1.1 O Deus dos Místicos

As religiões monoteístas, tais como: Judaísmo, Cristianismo, e Islamismo, desenvolveram a idéia de um Deus pessoal. Esse Deus, assim personalizado, levou os monoteístas a encarar de uma melhor forma, a religião, ajudando-os a valorizarem o sagrado e ainda a cultivarem um maior apreço pela pessoa humana. Esses valores foram concentrados num Deus que orienta, ama, cria, constrói e que, ao mesmo tempo, faz do ser humano alguém, capaz de ser.

Assim, há um reflexo de cunho religioso, ao qual é atribuído um alto valor. Grande número de profetas de Israel direcionou seus sentimentos e crenças a Deus; os budistas e hindus incluíram uma devoção pessoal a *avatares* da realidade suprema. Já no cristianismo, o centro da vida religiosa, tornou-se a pessoa de Jesus Cristo, único mediador.

Na maioria das vezes, um Deus pessoal pode constituir uma grave responsabilidade, visto que poderá ele tornar-se um mero ídolo esculpido à nossa imagem, uma projeção de nossas ocultas necessidades, anseios e aspirações.

Quando ele parece impedir uma catástrofe, ou outro mal, vem-nos logo à idéia de fracasso, crueldade... por outro lado, quando ele nos favorece, cumulando-nos de bens e graças, passa-nos um “quê” de sermos “bonzinhos”, sempre corretos e os outros, pecadores, sem algum valor. Logo, um Deus pessoal pode ser perigoso, aos olhos dos que titubeiam frente ao verdadeiro significado da religião E, ao invés de suscitar uma verdade, um processo de conversão, ele nos incentiva a julgar, a condenar a excluir. As religiões do mundo reconheceram essa falha, e tentaram transcender a concepção pessoal de realidade suprema.

Lendo as escrituras judaicas, vê-se que houve um refinamento e, posteriormente, o abandono do tribal, personalizando assim Javé, que se tornou, mais tarde, YHWH. O cristianismo, das três religiões monoteístas, talvez, a mais

personalizada, quis moderar o culto a Deus encarnado, introduzindo a doutrina da Trindade transpessoal, enquanto que os mulçumanos encontraram entraves com os trechos do Corão, alertando que Deus vê, ouve, castiga, julga etc. cada ser humano que não se pauta naqueles moldes e normas ali prescritas.

Mesmo assim, em todas as três religiões monoteístas, foi experimentada uma tradição mística, que ocasionou ao seu deus uma transcendência de categoria pessoal, a fim de tornar-lhe mais próximo às realidades impessoais de nirvana, Brahma-Atman e também do Todo Poderoso, no caso do cristianismo.

São poucas as pessoas capazes de um verdadeiro misticismo. Todavia, nessas três crenças, exceto no cristianismo ocidental, foi o Deus experimentado pelos místicos, que alcançou, entre os fiéis, toda uma diretriz de interiorização.

No cristianismo, a relação com Deus é experienciada pelo dar-se, pelo amor, pela partilha e fraternidade. É aqui, que se insere o nosso admirável pastor, Dom Helder Camara, um amor que não se restringiu a eloqüentes discursos, nem tampouco só e só aos quatro cantos do seu aconchego. O objetivo do amor é fazer morrer o ego; e o quanto já se sabe como este constitui uma constante, uma possibilidade perpétua, seja no diálogo, seja no próprio ser para atingir sempre o seu triunfo.

Conforme Karen Armstrong, os profetas declararam guerra à mitologia: o deus deles era mais ativo na história e nos fatos políticos do que no tempo primordial e sagrado do mito (AMSTRONG, 1998, p. 217).

Voltando-se os monoteístas para o misticismo, logo a mitologia se consolidou como o principal veículo da experiência religiosa.

Encontramos uma ligação lingüística entre as três palavras: “*mito*”, “*misticismo*” e “*mistério*”. Todas derivam do verbo grego *musteion*: fechar os olhos e a boca. As três palavras têm raízes numa experiência de escuridão e de silêncio.

Os cristãos gregos chegaram à descoberta de novas técnicas, desde muito, praticadas nas religiões orientais. Para eles, a prece era uma atividade psicossomática. No entanto, ocidentais, como por exemplo, Agostinho, Gregório, entendiam que toda prece era uma liberação, onde a alma estava dissociada do

corpo. Máximo, o Confessor insistia: “Todo o homem deve tornar-se Deus, deificado pela graça do Deus- feito –homem, tornando-se todo homem, alma e corpo, pela natureza, e todo deus, alma e corpo, pela graça”. (AMSTRONG, 1998, p. 227).

O *hesychast* experimentaria isso como um influxo de energia e clareza bem forte e de elevado poder que não restava dúvida em afirmar que isso era divino. Na religiosidade grega, essa deificação nada mais significava do que uma grande iluminação pertencente à natureza do homem. O Cristo transfigurado no Monte Tabor despertava-lhe profunda inspiração. A Festa da Transfiguração encontra relevante valor nas igrejas ortodoxas orientais e recebe o nome de “epifania”, uma manifestação de Deus.

Ao contrário de seus irmãos ocidentais, os gregos não consideravam que tensão, frieza, desolação constituíssem um prelúdio inevitável à experiência de Deus. Essas instâncias e preparativos tinham um caráter de perturbações, ansiedades e insatisfações, as quais, uma vez bem direcionadas, seriam sanadas. Para os gregos, o culto da noite escura da alma seria ilusão. O cerne de tudo era o Tabor, Calvário e Getsêmani, sem significação.

Apesar de todas essas divergências, alguns cristãos puderam vislumbrar algo da experiência mística. E os ícones proporcionaram aos fiéis uma espécie de janela aberta ao mundo divino.

A arte religiosa ganhou vulto no Ocidente, ao descrever fatos históricos da vida de Jesus e dos santos.

Para os gregos, era inútil definir Deus, o qual efetua toda e qualquer transformação; entretanto Ele está além de quaisquer definições ou descrições. Deus representa uma experiência que realiza e transforma a humanidade, sem violar sua integridade.

O profeta Maomé, desde muito se preocupou pela organização de uma sociedade justa e tanto ele, quanto outros dos seus companheiros tiveram inclinações místicas.

Também no islamismo, o ascetismo clareou a visão de certos seguidores. Louis Massignon, estudioso francês, explicou:

O apelo místico, em geral, resulta de uma rebelião interior da consciência contra a injustiça social, não apenas a de outros, mas básica e, pacificamente, contra as próprias faltas, comum desejo intensificado de purificação interna para encontrar Deus a qualquer preço (AMSTRONG, 1998, p. 230).

1.1.2 A religião em torno do sagrado, poder experienciado com o outro

A religião tem suas próprias formas de expressão, e são essas formas que fazem dela religião, e não ciência ou governo.

A razão de DEUS é uma necessidade que está no sonho, na linguagem, na vida. Quando se deixa de acreditar nessas instâncias, Deus desaparece. Destas imagens, a fé recolhe ícones do ser mais perfeito - significante último construído em horizonte de esperança, no qual os seres humanos depositam seus desejos, suas utopias de um mundo melhor, mais justo, onde o presente é imagem e milagre transformadores da realidade alienante e sem sentido. Unem-se, assim, o amor, o desejo, o imaginário, o simbólico e os signos que o ser humano cria para fazer sentido. (PADEN, 2001, p. 129).

O homem necessita de uma visão religiosa; de uma vivência que lhe possibilite um colóquio com o absoluto. Ele crê neste absoluto e se dedica a seu serviço.

Mística é um diálogo, no qual ambos os interlocutores são ativos; onde, porém, um deles, a saber, Deus, parece, contudo calar-se, apesar de toda a sua atividade. Mística não é, segundo sua natureza, apenas um processo de conhecimento, todavia, determinado caminho de vida.

Experiência mística é experiência original. As velhas palavras não são mais suficientes; a nova experiência exige um novo léxico a ser levado a cabo, porque algo de transcendente se dá. O antigo amor parece ter passado; cai a dúvida, introduz-se o que grande parte dos místicos apela de fase da “purificação” (catarse); descobrem-se, enfim, traços do rosto do divino-amado. Há total presença do divino, mas também, evidente presença do místico em Deus.

Todo místico recorre a uma determinada simbologia, porque esta facilita o seu desempenho comunicativo com o ser supremo. Alguns objetos assumem forte representatividade que, na maioria das vezes, tornam-se indispensáveis à prática religiosa. Podemos citar a água, quando utilizada no banho ritual é o âmbito no qual se hierofaniza o sagrado como força de purificação. Se ao invés de água, fosse utilizado o azeite, ocorreria um outro sentido e modificar-se-ia o aspecto do sagrado experimentado naquele caso. Em lugar de purificação, teríamos consagração, ou coisa similar. O sagrado não se esgota em sua infinita variedade de formas; a

heterogeneidade dos símbolos é uma enorme riqueza, mesmo quando qualquer que seja a hierofania concretize e particularize o símbolo.

O símbolo aparece como uma das primeiras manifestações do encontro humano com o Absoluto. O *ser* e o *sentido* permanecem no âmago da experiência religiosa. Palavras e relatos têm grande valor nos símbolos e nos mitos dos temas emitidos pelo ser humano.

O símbolo fala por si mesmo; é ele a chave da linguagem religiosa, do mesmo modo como a experiência da Realidade transcendente (o mistério ou qualquer que seja seu nome) é o núcleo do fato religioso. Grande é seu poder que até se pode dizer que ele é a linguagem originária, o alicerce na experiência religiosa.

A experiência religiosa é, em primeiro lugar, uma experiência humana, ela é uma vivência relacional:

- Com o mundo (a natureza, a vida e o que a realidade oferece);
- Com o outro indivíduo;
- Com o grupo humano (todo ser humano está socializado, de uma forma ou de outra, em diferentes níveis; família, clã, etnia, bairro, município, estado, nação, clube, associação, fraternidade, Igreja, partido político, etc.).

O trabalho, uma realidade que ocupa um terço do dia de cada pessoa, o transporte, a alimentação, os encontros e reuniões, as festas, os meios de comunicação, tudo “reúne” e socializa, ou seja, o indivíduo está sempre em sociedade.

Podemos afirmar que essa característica da vida humana exerce importante influência na “socialização” da experiência religiosa.

Em segundo lugar, encontra-se a dimensão individual dos desejos, dos projetos, das realizações ou das frustrações de qualquer pessoa, pois cada ser humano constrói em si um plano de vida que tenta realizar, durante sua existência.

O viver humano oscila sempre entre o subjetivo e o intersubjetivo ou relacional.

Religião em tudo o que deseja e faz, o ser humano manifesta que não é um ser pleno: deve crescer biologicamente, aprender intelectualmente, preparar-se para tudo, buscar metas, melhorar a saúde, aspirar a uma vida melhor, reiniciar uma e outra vez caminhos novos; ainda na véspera da morte, sente que tem de fazer algo para ser o que ainda não é. É um ser que está sempre em busca. Essa é uma característica fundamental do ser humano (CROATTO, 2001).

O ser humano tende à totalidade. Assim sendo, ele percebe com tanta intensidade suas inclinações e deficiências, mesmo querendo superá-las e, às vezes, isso não lhe é possível, devido a inúmeras limitações e contratempos.

1.1.3 O silêncio na vida do místico

Como já é do nosso conhecimento, o silêncio é uma constante na vida contemplativa. Ele representa, por assim dizer, a força motriz para sua conversação com o Transcendente, visto que ele se torna o receptáculo das inspirações, aninhando assim as múltiplas formas de expressividade da oratória; por isso, ele é mais eficaz que a fala. O silêncio carrega em si todo um poder de concentração e de liberdade da alma; ele é pleno de uma paz interior. Não somente os poetas, também escritores, insistiram na barreira do inexprimível com a qual se chocaram os seus mais nobres ideais e esforços de expressão. Poetas como Rimbaud, Mallarmé conheceram essa obscuridade e hermetismo, os quais ofuscavam a revelação necessária e, talvez, impossível,

Difícil dissipar a obscuridade, porque quanto mais falamos, mais, sempre temos algo a dizer; parece não querermos calar; uma tendência de extrovertimento, num silêncio irremediável. A epifania não acontecerá; o seu desejo, sim. Este aumenta assustadoramente.

E por falar em silêncio, é bom que estabeleçamos uma diferença entre “silêncios”. O silêncio aqui em questão é aquele de abertura, é aquele de reflexão, capaz de criar uma situação promotora. Não significa tão só fechar a boca e pronto! Este é danoso, maquinador de historietas mil. O autêntico silêncio só tem sentido em meio a uma comunicação, geradora de vida, de luz e de encontro. Este sim é de plenitude. Os demais são vazios, pobres.

1.1.4 Qual o sentido verdadeiro da Prece?

As orações estão conosco a cada instante de nossas vidas. Deus não nos abandona e está em todos os lugares, ao mesmo tempo. Dia e noite, mesmo que não o saibamos, estamos mergulhados dentro d'Ele passo a passo; a cada palavra, a cada sopro de vida, estamos sempre dentro d'Ele.

Da mesma forma, Ele está sempre dentro de nós. Como é maravilhoso podermos olhar as belezas que nos cercam e comentá-las não com palavras, mas, em pensamento, com o Senhor que as criou e que está conosco, todo o tempo.

É uma força incomparável a sensação de que o Espírito Santo nos acompanha. Que admirável riqueza a descoberta de que a todos nós Ele confiou os sete dons extraordinários, que, infelizmente, estamos longe de saber aproveitá-los em plenitude! Que riqueza fantástica poder chegar à consciência dos dons extraordinários que a cada um de nós, à sua escolha, Ele pôde confiar!

E que privilégio raro chegar à convicção de que Jesus e cada um de nós formamos um todo. É por isso que sempre me agrada poder repetir-Lhe as belas palavras da prece do Cardeal Newman: “Senhor Jesus, não Vos escondais dessa maneira dentro de mim! Olhai através de meus olhos! Escutai por meio de meus ouvidos! Falai por intermédio de minha boca! Andai com minhas pernas! Senhor, que minha pobre presença humana possa, ainda que de longe, dar uma idéia de Vossa divina presença!” (apud CAMARA, 1986, p. 28).

1.1.5 Características do Sagrado/ Divino

O ser humano religioso possui uma conduta especial. Citando Mircea Eliade (1967):

“Qualquer que seja o contexto histórico no qual esteja imerso, o homo religiosus acredita sempre que exista uma realidade absoluta, o sagrado. Que transcende este mundo, mas que se manifesta nele e, por isso mesmo, santifica-o e o faz real”.

A essa realidade, estão orientados seus atos religiosos, os quais se lhe apresentam sob formas de hierofanias, coisas contrárias ao profano. Acontece algo misterioso, como por exemplo, melhor compreensão de Deus e de sua ação no universo. Um “totalmente Outro”, que se hierofaniza, constituindo, dessa maneira, a essência da experiência religiosa. O lugar da hierofania é o próprio ser humano. Não no sentido de que ele possa projetá-la para um objeto exterior, caso fosse uma visualização de um ponto qualquer, mas enquanto ser humano, tendo uma experiência do transcendente na relação com esse tal objeto, lugar, evento, ou qualquer que seja o fato.

Uma dança não é sagrada porque se sintoniza com uma experiência religiosa prévia, mas porque *na dança* se dá essa experiência, e enquanto ela é dança. Por aí vemos que a manifestação do sagrado, tem a ver com os objetos tais como são.

Também na expressão “história sagrada” não se diz que a história é de Deus; ela é humana, apenas teofânica, enquanto nessa história, Deus se apresenta de modo especial para este ou para aquele grupo que vivencia o ato da experiência.

Se entendermos o sagrado como uma *relação*, passaremos a termos uma melhor noção do mesmo. O sagrado não é a meta da atitude ou da experiência religiosa, indubitavelmente. Tal finalidade seria o próprio transcendente: Deus ou um equivalente tampouco os elementos subjetivos, como a fé, o desejo de salvação, os objetos em que se apóia a fé, são, na verdade, o sagrado. Ainda que chamemos uma árvore de “Sagrada”, não é a árvore como tal que o é:

O sagrado é essencialmente uma *relação* entre o sujeito (o ser humano) e um termo (Deus), relação que se visualiza ou se mostra em um âmbito (a

natureza, a história, as pessoas) ou em objetos, gestos, palavras etc. sem essa relação, nada é sagrado (CROATTO, 2001, p. 61).

Antes de chegar ao Deus concebido como pessoa, alguns autores preferem referir-se simplesmente ao “totalmente Outro”, conforme afirma Rudolf Otto, ou ao termo *Mistério* - o transcendente vivido na experiência religiosa.

Por assim vemos, que a vivência do hierofânico (o transcendente manifestado) tende a se comunicar. É uma das características mais humanas, inclusive o místico precisa afirmar que o divino é indizível, indefinível.

A experiência do Mistério é essencialmente afetiva, logo participativa. Jamais ela poderá ser vivida individual e isoladamente, o que se tornaria um fardo insuportável. Comunicá-la, constitui um alívio, porque a comunicação da experiência religiosa possui um valor sacramental, enquanto significa e realiza a presença do sagrado; ela é tanto a comunicação do *vivido*, como uma *nova vivência*. Cada uma das linguagens dessa vivência-símbolo, mito, rito - recria à sua maneira a experiência, porém todas têm participação em comum nesse aspecto.

Como vemos, a experiência religiosa é perceptiva, uma vez que o ser humano vive nela um instante de êxtase. É tão forte essa vivência do sagrado que a pessoa se sente em estado de felicidade perene.

As imagens do divino nem sempre se apresentam iguais entre si, em uma cultura determinada; existem pluralidades, talvez representassem um contrasenso. Uma das razões por que isso acontece, é atribuído ao fato de que o sagrado se expressa em uma diversidade de situações, nas quais está inserido o ser humano.

Alguns objetos palpáveis ou não servem de símbolos à experiência religiosa, por exemplo, o céu, a água, a vela, o fogo, as flores. Pois, em se deles, utilizando, o místico interioriza o seu viver, a sua trajetória de vida. A contemplação do céu desperta a “Memória” do infinito, do poderoso e do eterno. Da mesma forma também a montanha, toda a altura relembra o celestial e nos transporta ao eterno.

Em determinadas religiões, os lugares são considerados sagrados, porque são vistos como arquétipos celestes.

Lembremos que o santuário do deserto, segundo a tradição bíblica, foi construído “segundo o modelo (*tabnît*)” revelado a Moisés no Sinai (Ex 25,9). Depois de sua construção, foi consagrado por uma teofania particular de Iahweh (Ex 40, 34-45).

Por isso a realização do rito em um templo ou em outros espaços quaisquer, concentra uma série de valores simbólicos ao desempenho do mito, a saber: sacralidade do espaço, sacralidade do tempo e desenvolvimento de uma ação litúrgica. Essa tríplice convergência do sagrado vem, por assim demonstrar, que os ritos são a expressões mais completas da atitude religiosa.

Um adendo deve constar a essa tríplice expressão simbólica: A *sacralidade da pessoa*, se esta existir; seja ela o rei, o sacerdote, o pajé, o orixá. A eficácia do rito é assegurada pelo revestimento do ator humano. E, como sabemos, as pessoas sagradas estão presentes em todas as religiões. Em algumas predominam o Xamã (Sibéria e Ásia Central), capaz de experiências extáticas, vôos mágicos, ascensões ao céu, descida ao mundo dos mortos. E assim, outras tantas têm seus deuses e suas divindades às quais se tornam seres transcendentais e merecedores de cultos.

Religiões, em um alto nível de desenvolvimento, possuem o sacerdote, como presidente das celebrações e das ações bíblico-litúrgicas. Na religião Católica, o sacerdote herda costumes da religião romana. Ele é alguém que assume certo destaque perante a comunidade de fé. É uma figura importante e sagrada e para sê-lo, submete-se a um rito de passagem ou de consagração. No que concerne à simbologia, ele se apresenta à comunidade cristã, onde vai celebrar, com ornamentos especiais; vestes, símbolos, conforme prescreve o diretório litúrgico. Porém todo esse seu aparato e destaque não significa que ele é **MAIS** entre os seus semelhantes. Ele deve ser um irmão entre os irmãos, pois do contrário, vão por água abaixo sua mística e consagração.

Em todas as religiões predominam as manifestações religiosas que se realizam nas ações cúlticas, porém elas são heterogêneas no que concerne a sua forma e a sua estrutura. Mesmo assim, torna-se possível estabelecer uma morfologia no tocante a seu significado.

Segundo Marcel Mauss, a oração participa da natureza tanto do rito (é um ato com gestos e atitudes), quanto da crença. Toda oração é de certa forma um *credo*. Ela reflete, de fato, a cosmo visão (mitos e ritos) e as práticas da comunidade em que é realizada. Na oração, afirma M. Mauss:

O rito está unido à crença. A oração, da mesma forma que o mito, está carregado de sentido, frequentemente é tão rica em idéias e imagens como um relato religioso. A oração está cheia de força e de eficácia, é tão poderosamente criadora como uma cerimônia simpática [...]. O aspecto ritual e o aspecto mítico são, rigorosamente, no caso da oração, as duas faces de um único e idêntico ato. Eles aparecem ao mesmo tempo e são inseparáveis [...]. De certo modo, a evolução da oração é a evolução da própria religião.¹

Sendo a oração a comunicação por excelência do ser humano com a divindade, ela se faz presente em todas as religiões. Orar não significa apenas recitar fórmulas, tecer as contas do rosário, ler ou repetir orações decoradas. Orar é muito mais do que isso. É uma disposição do ser à escuta do Belo. É uma interiorização, um calar-se dentro de si para ouvir a voz da pessoa a quem se está invocando. Na maioria das vezes, palavras devem ser abolidas. É o silêncio que deve reinar e conduzir o orante ao Amado. Um simples olhar muito comunica.

Essas são algumas maneiras de oração, porque sabemos que há infinita variedade de conteúdo e forma. O **HINO** constitui uma característica potente da oração. Sua finalidade é glorificar a divindade, enumerando seus títulos e agradecendo suas ações benévolas.

Um dos grandes especialistas da religião, Fredrich Heiler (1892-1967). Este fez sua tese de doutorado sobre a *oração*, publicada em 1918. Sua especialização foi no campo da mística; sua ênfase fenomenológica está na unidade da experiência religiosa de todas as culturas. No seu ensaio a respeito da oração, escrito com grande entusiasmo e profunda experiência pessoal, Heiler expressa que a oração é o centro da religião, definindo-a com as seguintes palavras:

“A oração é uma comunhão vivente do ser humano religioso com Deus, concebido como pessoal e presente na experiência; uma comunhão que

¹ Cf. Mauss, La oración, p. 96. (Bibliografia)

reflete as formas das relações sociais da humanidade” (HEILER, PRAYER, 1960, p. 358).

1.2 RELAÇÃO ENTRE TEOLOGIA E LITERATURA

O cristianismo, como uma religião do livro faz compreender que os fundamentos de seu conteúdo foram tão logo traduzidos em forma de livros, cartas, contos, alegorias, poesias, etc. Isso fortalece o poder de sobrevivência de determinados impérios, contribuindo assim à mudança de trajetórias de vida de algumas pessoas em diferentes culturas.

De muito, sabemos que a Bíblia não foi um livro de fácil acesso ao povo, exceto àquelas pessoas que exerciam certa liderança religiosa; por isso a idéia de que o cristianismo seja religião do livro, oferece alguns subsídios que relativizam essa idéia.

Admitir o cristianismo como religião do livro, é falar de suas origens, de seus conflitos de interpretação em meio ao judaísmo de sua época; é reconhecer certa apropriação da Bíblia hebraica, como parte de uma bíblia cristã, sabendo-se que tal apropriação foi por muito tempo uma problematização de outra religião do livro: o judaísmo.

O aspecto literário, na bíblia, está presente não somente entre os teólogos defensores da Igreja, mas ainda, por parte dos ateus, embora cada um desses dois grupos tivesse uma visão própria do livro sagrado. Vê-se, que em ambos, reside o aspecto literário. Daí declarar o cristianismo como uma religião do livro é assegurar que boa parte de seu poder está no fato de ser literatura.

Essa característica de ser religião do livro e, por isso, de ser literatura, coloca uma questão hermenêutica central para a teologia cristã, proveniente da relação intrínseca entre cristianismo e literatura.

Como literatura que é, o cristianismo não deverá limitar-se a uma leitura que vise apenas a interesses confessionais, porém àquela que adquira uma maior dimensão, estendendo-se a diversos âmbitos da cultura, visto que, como literatura, está ele, o cristianismo, inserido em uma vasta produtividade de interpretação e traduções e, por isso, assume papel contundente na história das religiões.

Vale lembrar determinados textos bíblicos que estimularam, no imaginário ocidental, uma série de temas e tais textos provocaram nas pessoas um aprendizado e uma melhor convivência, reconstruindo, por assim dizer, seus valores e, cultivando também, suas inquietações no que concerne ao seu conteúdo. Textos como o da criação, onde o ser humano é administrador da natureza; o êxodo de Israel, no Egito, com seu alcance político e religioso; o livro dos Salmos, apontando gritos de clamor e sinais de consolo e de esperança; o sermão da montanha; o apocalipse. Todos esses e outros fornecem à Bíblia rica contribuição nas suas variadas formas interpretativas, constituindo, desse modo, uma forte coluna à interpretação da história. Uma prova desse evento são as eficientes interpretações que sofrera o êxodo, dentro da história do Ocidente. Mais uma vez fica comprovado que o cristianismo é literatura. Outra razão, para que o cristianismo ocupe um lugar de destaque, como literatura na história das religiões, é a sua apropriação de muitos personagens, de narrativas, de mitos e de símbolos, bem mais que o islamismo e o judaísmo. O poder do cristianismo se concentra no fato de que cada um dos temas abordados serviu para nos transmitir, em novas cores, e em novos contextos analisáveis, grandes verdades.

Como separar o cristianismo da literatura?

Ambos caminham lado a lado. Grandes exemplos vêm ilustrar tal assertiva. Os romances cristãos, as autobiografias de personagens da nossa história, contos, tudo isso representa uma gama de conhecimentos indispensáveis à literatura.

Essa força do cristianismo se deve a duas razões:

1. À idéia movente do cristianismo como fé que se anuncia e vida que é compartilhada, o que propiciou à literatura cristã, sobretudo à Bíblia, tamanha possibilidade de difusão.
2. À garantia de que, como literatura, o cristianismo não se restringiu a enclausurar-se nas suas repetições dogmáticas; suas narrativas bíblicas assumiram também um caráter de narrativas de cultura e seus personagens bíblicos foram imersos no dia-a-dia do povo. Logo, o cristianismo, como

literatura, não ficou preso à ação dos missionários, nem tampouco cativo a interesses eclesiais.

1.2.1 Recontar histórias com palavras que recriem o mundo - a questão da linguagem

Quando se trata de discussão sobre teologia e literatura, a questão da linguagem torna-se indispensável. Diversos caminhos vão nos guiando no empreendimento dessa atividade: um deles é a filosofia da linguagem, passando pela exegese e a hermenêutica teológica, sem esquecer o esforço desses últimos tempos realizados pela semiótica e pela teoria literária.

Toda essa preocupação tem por objetivo reavivar as faces teóricas de relevância para alicerçar o diálogo entre teologia e literatura.

Uma vez que a narrativa é encarada como linguagem, afastando-a do crítico, a narrativa literária flui livremente isenta de tal seriedade crítica, conforme atesta Westhelle. Notas sobre a situação atual da educação teológica na América Latina. Texto recebido por fax há quatro anos, em 1994, ainda não publicado, infelizmente.

Como interlocutora, a literatura se destaca pelo fato de ser um discurso sobre o mundo e o sentido da existência humana em meio às diferentes situações em que se apresenta; notórios são os três usos da linguagem: literário, científico e corrente, os quais, já de muito são abordados na Teoria da Literatura por Warren e Wellek. Todavia, detenho-me aqui no uso da linguagem pela literatura, em virtude de seu laço ser mais ordenado e metodológico, concentrando recursos da linguagem fluente.

A literatura percorre sendas da vida entre a linguagem científica e a linguagem cotidiana. Ela não tem a pretensão de separar nem de ser exclusivista, no entanto, não prescinde a sistematização do mundo; sua organização do caos social e religioso. Nas fronteiras dos saberes, lá, encontra-se, está viva a literatura. Ela incorpora crítica e estética, juízo e simbolismo, história e mito, ciência e poesia, porque sua narrativa contém elementos identificadores à compreensão de sua ação no mundo.

A literatura torna-se uma leitura da realidade, mediante uma nova ordem para a construção de um novo terreno de ação, rumo ao reino da fantasia e da criação. Nessa concepção, enfatiza-se o aspecto performativo da linguagem religiosa e o seu intuito em sustentar a própria fé. A literatura alça vôo nessa dimensão e tem seu lugar garantido, por excelência.

Como já acentuara Juan Carlos Scannone, a chamada sabedoria popular tem na poesia popular um de seus mais importantes lugares de expressão, que serve aqui como exemplo. Sua tese é:

“Quando um povo canta poeticamente coisas que dizem respeito às razões do seu ser; sua luta pelo bem e contra o mal, a sabedoria da vida que vai conquistando pelo sofrimento e mediante a luta, sua intuição sapiencial do caminho para libertar-se e assim realizar o seu destino, pode a teologia assumir a racionalidade dessa linguagem. Mais ainda se no ethos cultural do povo que assim se exprime e se reconhece em poesia tem vigência, por motivos históricos, o sentido cristão da vida” (SCANNONE, 1991, p. 54).

O positivismo, em sua crise, desencadeou um processo, onde se verifica mais e mais que a dissociação entre os fatos e interpretação não tem procedência alguma, porque até mesmo para as chamadas ciências naturais ficou acertado que o conhecimento é uma busca hermenêutica, visto que em cada opção por um fato ou se dá como objeto, ou se está implícita uma teoria e esta a incentiva num interesse norteador de pesquisa. A realidade não está num espaço externo, como paradigma de objetividade; também não se fecha em outro interno, para uma análise intimista, subjetiva. A realidade é contínua interação entre o texto compreendido no seu sentido mais abrangente e a pessoa que o interpreta.

1.2.2 Bíblia e Literatura

A Bíblia, como literatura, é, aparentemente, uma questão unânime entre exegetas. Na literatura, a diferença entre forma e conteúdo é mais metodológica e didática do que hermenêutica e essencial. Se toda linguagem é uma interpretação da realidade, uma ação hermenêutica, a linguagem literária tem destaque nessa tarefa.

A linguagem literária se encontra no outro extremo; ama a pluralidade e complexidade, inclui o fator pessoal do autor e leitor, atualiza conotações, desperta alusões, não retrai ambigüidades sugestivas, prefere a novidade inesperada e a surpresa; transpõe a expressão no plano metafísico ou simbólico.

A Bíblia nos fornece instrumentos e base para muitas criações literárias. Não faltam exemplos de como, parábolas, imagens bíblicas são utilizadas nos pequenos e grandes escritos da literatura ocidental por um significativo número de autores.

Em todos esses relatos, encontram-se citações e narrativas que ilustram acontecimentos do cotidiano hodierno. Por exemplo, a narrativa do sacrifício de Isaac, no livro do Gênesis, 22,1-19. Nenhuma outra narrativa sobre a figura de Abraão teve um alcance literário como esta, marcada pela aparente estranheza de um imperativo divino para que ele provasse a sua obediência absoluta e sacrificasse seu único filho, Isaac, que tinha sido bênção do mesmo Deus, que agora exigia a sua morte (Bíblia de Jerusalém, p. 59, apud KUSCHEL, p. 27). O mito literário, assumido no relato supramencionado, não se fundamenta apenas no tema enfocado, o qual por si já é empolgante, mas pela maneira, como ele é pontilhado por detalhes e há uma preservação de silêncio.

Ou ele, Abraão, cumpre a ordem de Eloim e é um pai renegado, ou salva seu filho e é um servidor renegado por seu Deus-ilustração perfeita da definição do mito proposto por Greimas “confronto de contradições, escolhas igualmente impossíveis e insatisfatórias”.

A Bíblia é repleta de símbolos e imagens que apontam para essa hipótese de luta. Observe-se a importância de nomes e a força que a palavra encerra para

criar e destruir. Positivismo e Romantismo têm pontos comuns, apesar das diferenças assombrosas entre ambos. Enquanto o primeiro se serve da palavra para uma apresentação de resultados científicos, como fatos, sem entendê-los, como interpretações, o segundo, ao utilizar-se da palavra, procura expressar-se dentro de uma realidade mais profunda. Portanto, não é suficiente reconhecer apenas a que categorias a linguagem se dispõe; urge estar atento ao seu caráter histórico e social. Ignorar o mundo como a linguagem, por nós utilizada, ou melhor, pela qual vivemos, somos e nos integramos, significa comprometer-nos em desastrosas contradições.

Sempre que nos aceitamos como seres da linguagem, estamos abertos a novas conquistas e descobertas de nossas redes simbólicas, nossos emaranhados e nossas misturas ideológicas; sonhos e quimeras religiosos, históricos e sociais que ainda pulsam dentro de nós mesmos. Heidegger e Walter Benjamin são expoentes dessa revalorização da linguagem na compreensão do mundo e do ser.

Foi preciso descobrir novamente uma linguagem que não fosse somente nomeadora, mas reveladora, que não se contentasse em estar aprisionada aos mecanismos de manipulação do ser humano, mas que se configurasse num serviço à vida; que nos fizesse retornar aos íntimos desejos de justiça e de paz e se distanciasse dos interesses mesquinhos da marginalização e segregação de pessoas (DAVID, 1975, p. 7).

Linguagem como instrumento de criar verdadeiramente a vida, sem causar a morte. Linguagem que extingue as palavras pronunciadas para relações fúteis, para que os encontros sejam profícuos, restaurando a justiça, ao longo da história.

Em cada discurso, na interpretação da linguagem e em qualquer narrativa, estão presentes pluralidade e diferença, polissemia e especificidade.

O nome de Ferdinand de Saussure é digno de realce no tocante à revalorização da linguagem, porque a lingüística para ele, como no estruturalismo e na semiótica, atende ao pressuposto de que não se pode prescindir da compreensão de uma análise no uso da linguagem como sistema interpretativo do mundo e das relações que este lhe confere. É óbvio que o sistema lingüístico percorre um caminho repleto de sinais e códigos, incluindo-se os sinais culturais, como símbolos, mitos e suas estruturas sistêmicas.

1.2.3 Teologia e literatura - dois modelos de aproximação

Devido ao emprego de termos que cada vez mais estava enclausurado ao magistério eclesiástico, a linguagem teológica passou por uma crise na modernidade. Todavia, muito mais proveitoso do que nos debruçarmos sobre isso, será interessante asseverar o dinamismo e a riqueza do alcance que tiveram as narrativas teológicas e literárias através de suas formas simbólicas, apresentando o mundo em suas múltiplas relações. Fato é que as formas simbólicas estão bem presentes nas representações pictóricas, exprimem-se nas expressões verbais e assumem todo um saber-mestre da vida e das atitudes humanas. Testemunham esta afirmação as histórias que ouvimos os símbolos vistos, os quais são reproduzidos e reverenciados não como adereços da existência, mas como teofanias de uma visão de mundo, sedimentada e sempre mais em busca de um diálogo com objetos e seres ao nosso redor; isso porque a profundidade do Espírito só é manifestada verdadeiramente, quando a pessoa se dispuser a arriscar-se, mesmo correndo perigo de perdas.

A questão precípua não reside apenas em elastecer o conceito de razão e racionalidade, mas em redimensionar o conhecimento já existente ao cotidiano das pessoas e dos grupos, numa nova perspectiva de formação do mundo, em sua prática cultural, cuja finalidade é interpretar a produção simbólica da cultura.

1.2.4 O modelo da realização

Diferentes vestígios da linguagem religiosa são encontrados na linguagem literária nas mais variadas formas de expressão. Daí, partimos do pressuposto de que muitas citações, imagens bíblicas tornaram-se motivos de escritos literários. Maravilhoso afirmar que essa herança bíblica na literatura pressupõe o fato de que a linguagem religiosa libertou-se do monopólio eclesial e também do seu contexto litúrgico, experimentando mudanças significativas.

Cabe à teologia identificar como o uso das narrativas bíblicas oferece possibilidades a uma leitura teológica, enquanto que a pesquisa literária se interroga a respeito das implicações desse uso na organização dos estilos literários. O

importante, porém, é examinar que nem a teologia, nem a literatura podem libertar-se de um diálogo sem marcas de uma interpretação não-religiosa de símbolos religiosos, porque tanto os símbolos religiosos, quanto a linguagem religiosa, ambos necessitam, por mais das vezes, de uma mensagem nos diferentes âmbitos da cultura e da sociedade. Sob essa ótica, está ultrapassada a visão errônea entre os dois mundos: o secular e o sagrado, uma vez que uma é expressão da outra e ambas são expressões da vida de Deus e do ser humano.

E qual tema central da teologia, como hermenêutica, senão o de encontrar uma interpretação adequada para os dias de hoje nos símbolos cristãos? Como vemos, esse tema essencial da teologia, como hermenêutica, preocupa muito os intérpretes dos textos bíblicos, pois querem trazer para os nossos dias, uma mensagem a ser veiculada a uma práxis a ser vivida, uma vez que a linguagem da fé exige coragem, desprendimento na vida das pessoas.

1.2.5 A teologia na história da igreja

A paixão do teólogo é a procura do significado. Por vocação, ele investiga a respeito do sentido de tudo o quanto foi recebido, em conjunto dos que crêem. Em suma, a teologia se ocupa do significado da palavra de Deus, dirigida a todos os homens; palavra que os crentes aceitam e, com diferentes graus de sucesso, procuram vivê-la. Por isso, o teólogo é um pesquisador do significado da palavra de Deus e da vida de fé.

O teólogo deve focalizar os temas que constituem a doutrina da justificação; este é o prisma pelo qual Deus e a humanidade serão vistos de maneira verdadeiramente teológica. No drama de pecado e graça, a teologia encontra o verdadeiro coração da bíblia. Daí, a estrela polar, nesse vasto horizonte de questões doutrinárias e éticas, é a ação de Deus na salvação dos homens, pelo dom merecido da justificação e da nova vida.

A teologia provém de toda uma estrutura de vida religiosa, visto que o legado que os apóstolos nos deixaram e nos transmitiram não pode ser articulado todo de uma só vez; requer uma compreensão gradual no tempo e ainda uma contemplação, a qual se dá com a vivência e a atenção à realidade dos fatos; a

pregação daqueles que foram chamados à direção pastoral (apud ALVES, 1984, p. 35), porque a busca do significado, por parte da teologia, baseia-se na tradição apostólica e também se orienta para a vida total da Igreja, onde a tradição continua como atividade vital.

1.2.6 As duas fases do método teológico

Uma teologia sólida oscila entre a escuta e a elaboração ativa e construtiva do significado do que se escuta. A teologia é rítmica, em virtude de um avanço e também de um recuo que procede ao teólogo entre as fontes, na obtenção de uma certeza de mensagens e a explicação do significado do testemunho dessa mensagem aos que crêem hoje.

A teologia se ocupa, antes de tudo, da mediação da palavra de Deus, isto é, as várias expressões que Melchior Cano chama de “lugares” teológicos; destes, a teologia extrai testemunhos da verdade de Deus revelada. Assim sendo, o teólogo se torna recebedor de um significado já fornecido à humanidade. Essa fase de escuta abre caminho natural a uma pesquisa mais criativa, tendo por meta uma maior penetração nos próprios testemunhos e, em seguida, vai adentrando e, desta feita, poderá fazer uma inserção no dia-a-dia das pessoas.

Aplicando esses conhecimentos teológicos à vida do nosso Dom da Paz, Dom Helder Camara, constata-se que ele, como místico, soube tão bem pautar seu estilo de vida aos padrões teológicos exigidos, visto que a teologia é, acima de tudo, uma escuta atenta e um debruço na vida do povo e nos acontecimentos da história. No pensamento de um místico, isso não representa uma nova descoberta, mas uma considerável análise da natureza, em todos os seus componentes.

A escuta conduz a uma explicação contemporânea que expõe os fundamentos da fé e examina, cada vez mais, as problemáticas da religiosidade vivida e do bem-estar humano no próprio homem.

A escuta, como primeiro ato teológico, significa o prolongamento do fundamental *auditus fidei* com que se acolhem à mensagem e o apelo cristão, porque a fé é dependente da escuta e esta, por sua vez, efetua-se pela palavra de

Cristo (Rm 10,17). Antes do momento teológico, a religiosidade vinda é a escuta do coração, o qual anseia intensamente por uma palavra de graça e redenção, para abrir caminho a um novo futuro. O Evangelho de Cristo significa esperança e graça dado pela fé. Logo, para Dom Helder, que acreditou e, sobretudo, viveu a mensagem evangélica, a teologia foi quase que um modo secundário, pois ele atendeu a toda uma gama de testemunhos concernentes à mensagem de fé que a palavra de Cristo lhe pedia.

Profundamente inserida nos *loci* da Escritura e da Tradição Eclesial Viva, procura a teologia uma compreensão ponderada das mediações da revelação, por parte dos profetas de Israel, dos apóstolos de Jesus e dos que vieram após estes, nas comunidades de fé. Após a escuta, passa o teólogo a uma busca de novas intuições. Seu prosseguimento vai rumo à apresentação sistemática e à aplicação pertinente do que se escutou das testemunhas privilegiadas. Por aí, constata-se que a teologia cristã é ainda um prolongamento da fé de todo o conhecimento fundamental afirmado no credo cristão, uma vez que há uma estrutura primordial de sentido no confessar Deus como criador, seu Filho, Jesus Cristo, como salvador, crucificado e ressuscitado.

1.2.7 O teólogo: ouvinte da palavra bíblica

O teólogo é, antes de tudo, um crente que participa da visão e da esperança transmitidas pela fé da Igreja, o que implica uma relação especial com os livros da Escritura reunidos na Bíblia. Juntamente, com os demais crentes, ele olha a bíblia como fonte de alimento pessoal e um guia digno de confiança.

A liturgia exprime tão bem a veneração da Igreja pelas Escrituras; por exemplo, quando o Lecionário, que contém as leituras bíblicas é erguido e levado em procissão; nas ocasiões em que o Evangeliário é incensado e em qualquer liturgia se inclina para beijar a página do trecho evangélico proclamado ao povo.

A teologia tem em vista uma nova penetração do significado dos artigos de fé e das numerosas relações entre eles com a vida humana no mundo.

1.2.8 Teologia e vida

A teologia se serve da experiência, e deve desenvolver seu potencial, a fim de contribuir para o enriquecimento da vida pastoral dos que querem alimentar-se nessa caminhada de trabalho com o povo.

A teologia pesquisa e escuta, de modo que o resultado seja um discurso fundamentado em Deus e na vida de fé. Em última análise, o fundamento de uma proposta teológica é o testemunho dado pelos profetas e apóstolos (Bíblia de Jerusalém, Ef. 2,20). E suas pedras de construção são extraídas dos principais *loci* vindos da Igreja. Uma teologia sólida detesta a aridez da pura especulação sobre os mundos possíveis que teriam existido ou existiriam ainda; foge das explicações idiossincrásicas, assim como os primeiros nados fogem da doutrina gnóstica sobre a saída da alma liberta deste mundo perverso. A teologia vai considerar o crescimento que pode ocorrer, quando os crentes se tornam luzes do mundo e sal da terra, sob o ensinamento dado pelo magistério da Igreja.

1.2.9 O teólogo e o ensinamento oficial da Igreja

Sendo uma vocação, está a teologia prefigurada no serviço carismático prestado pelos “mestres” (*didaskaloi*), que segundo São Paulo, é posto na Igreja depois dos profetas (1 Cor 12,28). Em sua melhor forma, a teologia é percepção e expressão renovada da palavra de Deus na Igreja, para o enriquecimento dos pastores e do povo de determinada região cultural, na visão de fé e na santidade de vida.

Consciente de tamanha responsabilidade, Dom Helder Camara não se enclausurou em palácios e igrejas, como detentor de poder e glória, preso a esquemas romanos, nem tampouco submissos às normas do Direito Canônico; ele compreendeu qual o sentido de sua missão episcopal, por qual teologia deveria optar e então descobriu que a verdadeira teologia lhe indicava as trilhas do ensinamento eclesial nas atitudes de luta e engajamento na vida das pessoas,

assumindo sempre um novo e um presente nos desafios desta igreja de Olinda e Recife. À luz dessa teologia, pôde ele engajar-se num contexto eclesial e profético, cujo objetivo era fazer ressoar a palavra de Deus em quaisquer situações, desde que a vida alcançasse espaço para desenvolver-se. Essa repercussão da palavra de Deus não cessou, nem a sua atuação como defensor dos direitos humanos conheceu ocaso, até mesmo quando lhe foi imposto o silêncio, porque o Espírito Santo continuou a soprar-lhe os ouvidos e, sobretudo, o coração, na escuta, na meditação do Evangelho vivo.

1.3 DEFINIÇÕES DE LITERATURA

1.3.1 Relação entre Poesia e Teologia

A poesia desperta, entre os leitores, algo inquietante, porque a sua busca envolve uma ética de solidariedade e daí passam os críticos a atribuir-lhe um caráter de religiosidade. Sob este ângulo religioso, adquire ela, por assim dizer, sua sagração. Sagração esta, que carrega em si uma radicalização de eticidade, levando-a a desafios constantes, frente a quaisquer realidades.

Fazer uma leitura teopoética, tendo por corpus escritos de Dom Helder Camara não é algo que se possa fazer sem riscos, uma vez que seus escritos obedecem a um método que foge a um puro diacronismo: ao invés de escrever poemas, seguindo a uma ordem evolutiva de composição, ele usa os textos, de acordo com as necessidades do povo sofrido e imerso num contexto sócio-econômico da época; além disso, ele também se interessa pelo desvelamento temático que os textos vão oferecendo em função de algumas idéias que lhe vêm à mente. Tal leitura requer determinados questionamentos, os quais podem ser desafiadores àqueles que se detêm à análise e à reflexão do cotidiano. Se for uma leitura de poesia, é óbvio que a questão poética vem à tona; se for uma leitura teopoética, o tema teológico será adicionado ao sujeito. E, por fim, uma terceira discussão aparece: o agradável relacionamento entre a poesia e a teologia.

Em se tratando de leitura de poesia, inquieta-nos descobrir o caminho a percorrer: de onde partir? Qual o ponto de observação? Muitos são os lugares a chegar, contudo, um só ponto de partida. E este é o texto, o qual não irá exercer faculdade volitiva de potência sobre o mesmo, mas facilitará o leitor a investigar seu ponto de observação: como se fará a leitura; seu conteúdo será avaliado intrínseca ou extrinsecamente? (TENÓRIO, 2001, p. 26).

1.3.2 A Teopoética defendida por Karl-Josef Kuschel

Esta parte de um diálogo com os métodos quer de confrontação de um lado e correlação, de outro.

O método da confrontação tem na crítica de Sören Kierkegaard e Barth à arte a sua base. De acordo com esse método, a palavra de Deus ocupa uma dinâmica própria e é independente da proposição artística no que se refere à decifração, em virtude de a revelação distanciar-se da estética. Então, fica claro que a arte funcionaria como mediação da revelação e nada mais, além disso. A verdade eterna jamais poderá ser ameaçada pela subjetividade estética do artista.

O segundo método, o da correlação, segue a linha de Paul Tillich e abraça algumas teses, sustentadas pelo Vaticano II, no que diz respeito à relação entre Deus e o mundo. Daí uma sensata definição de Teologia como experiência dos grupos com Deus, dentro da história e jamais um autoritarismo, ou talvez, uma imposição de doutrinas e crenças. Podemos deduzir que há uma estreita relação entre revelação e situação humana. Na pergunta, já se encontram indícios da resposta: na arte, vêem-se a presença tanto do divino quanto das questões últimas da vida humana. Nesse propósito, a arte e a literatura apresentam-se como mediações dos grandes dilemas humanos e, por conseguinte, portadoras de uma presença de Deus que incomoda e antecede as formulações das perguntas.

Seja como for, vale ressaltar que em ambos os métodos, de acordo com o modelo da teopoética, existe o pressuposto de que Deus permanece como a fonte do sentido maior da vida. A maneira com se dá a relação entre Deus e o mundo, entre linguagem teológica e linguagem literária é o que constitui a diferença radical.

No método da confrontação, há uma tendência para estabelecer o confronto entre teologia e literatura com o entre ideologia e verdade, religião e revelação, fé bíblica e busca egoísta por Deus. No método da correlação, pode-se cair no simplismo de uma redução à relação entre pergunta (literatura) e resposta (revelação) (MAGALHÃES, 2000, p. 21).

A forma como a revelação de Deus foi apreendida na Bíblia não põe de modo algum um Deus respondendo a todas as perguntas ou inquietações, mas recoloca certas questões a partir de uma ótica específica, que leva o ser humano a tomar decisões que, talvez, ele, no seu contexto, não estivesse interessado em fazê-las.

Kuschel, a par desses dois métodos e, consciente dos recuos e avanços que os mesmos estão sujeitos, apresenta um caminho, o qual busca as analogias e as correspondências entre literatura e teologia, ao mostrar-nos o Método da Analogia Estrutural. Como se sabe, analogia significa assumir semelhanças e, ao mesmo tempo, definir as diferenças. Segundo tal método, é possível, na literatura não-cristã, encontrarmos interpretações da realidade, onde se vive buscando correspondentes na interpretação cristã da história.

Semelhanças, sem cooptação da produção literária, como cristã, porém, tentativas para compreendê-la como quase cristã dentro da história, na qual se insere a literatura.

Quando se tem a liberdade de assumir as contradições e as oposições entre as formas de pensar, logo, poderá ser possível acentuar as visões comuns e destacar as diferenças radicais entre teologia e literatura.

Baseado em tal proposição, Kuschel assevera que o método da analogia estrutural é uma solução, uma vez que supera os dois supramencionados.

1.3.3 A caminho de uma Teopoética sobre a tensa relação entre Religião e Literatura

Religião e literatura se encontram em uma relação de tensão constante e até mesmo hostil, ao menos desde o fim da identidade entre cultura burguesa e cristandade. Embora o processo de dissolução remonte à autonomia da obra de arte literária, associada a um avanço drástico da secularização, somente no século XX os efeitos duradouros desse processo poderão ser definitivamente notados, a despeito de quaisquer tentativas bem-intencionadas de restauração. E se o século XX já tentara restabelecer a união entre teologia e literatura- o primeiro apelo por uma literatura cristã, do ponto de vista da história literária, ocorre no movimento romântico (inicialmente com Schlegel, em sua fase tardia, e depois com Eichendorff, Bretano e Annete Von Droste-Hülshoff)- isto já se revela como sintonia precoce do distanciamento entre cultura e religião (KUSCHEL, 1999, p. 13).

No esforço de fazer retroceder o processo de secularização, que marca época, segundo A. Schöne, e de restabelecer a religião cristã como elo obrigatório e integrador para a unidade da cultura, fracassam não apenas os românticos, mas também a segunda onda programática de “literatura cristã” na primeira metade do

século XX. “Literatura Cristã” continuou a ser a atividade de alguns autores individuais, não menos importantes: Bloy, Péguy, Bernanos e Claudel, na França; Greene e Waugh, na Inglaterra; Eliot e Faulkner, nos Estados Unidos; Silone e Papini, na Itália; Langgoasser, Le Fort e Reinhold Schneider, na Alemanha.

As obras dos grandes representantes da “literatura cristã” trataram de refletir sobre a problematização da fé e expressar a experiência de fragmentação e insondabilidade da existência piedosa. E isso marca uma distinção profunda entre esses escritores e uma massa de leitores ligados à Igreja, que se limitou muitas vezes a apropriar-se, de forma indevida, dos autores, com o intuito de apenas confirmar suas próprias convicções.

Em razão dessa recepção desastrosa, não é de admirar que os escritores da geração seguinte tenham deixado de valorizar a classificação “literatura cristã”, mesmo que, em princípio, se considerassem “cristãos”.

Nos anos 50, autores alemães como Heinrich Böll, Fredrich Dürrenmatt e Günter Grass já não se deixavam mais cooptar por qualquer grupo e tratavam de manter uma distância crítica em relação ao estabelecimento cultural cristão. Não queriam ser reconhecidos em razão de sua fé, mas por causa da qualidade de suas obras literárias. No século XX, temos de nos defrontar, portanto, com as decorrências tardias e, ainda pendentes da dicotomia cultural entre religião (cristianismo) e cultura (literatura). Houve reações adversas de ambas as partes.

1.3.4 Como tratar de Literatura? Os métodos confrontativo e correlativo?

Fazer teologia cristã equivale a dar respostas no âmbito de um comportamento científico. A teologia só conquista legitimidade por meio da vinculação à mensagem do Novo Testamento, segundo a qual Jesus de Nazaré, o Crucificado e Ressuscitado, é Cristo, o Messias. Ela não ganha seu perfil específico ao produzir a experiência do divino, mas ao levar adiante as experiências de Deus vividas por Jesus Cristo e pelas primeiras comunidades de seus discípulos tal como formuladas no Novo Testamento, e ao atribuir a essas experiências, sob condições diversas, uma nova formulação (KUSCHEL, 1999, p. 218).

A teologia cristã, portanto, não produz experiências de fé, mas as torna possíveis a partir de outras experiências de hoje em dia, a partir das experiências do Novo Testamento. Assim, a teologia cristã não precisa ser criativa, no sentido de uma produção própria, nem apresentar coisas

originais, no sentido de uma autenticidade criativa. A “criatividade” da teologia cristã reside em perscrutar as experiências de Deus relatadas nos testemunhos originais em todas as suas dimensões, para então levá-las adiante de maneira criativa, de acordo com as diversas circunstâncias de época (KUSCHEL, 1999, p. 218).

Como responder aos desafios propostos pelos literatos? Há mesmo pontos de partida para um diálogo teológico, diante dessa pluralidade de perfis literários individuais? Podem-se estabelecer ligações entre “a teologia” e os esboços literários?

Em primeiro lugar, na linha da crítica protestante da estética (Sören Kierkegaard e Karl Barth, por exemplo) ou de uma teologia católica neo-escolástica, a teologia cristã pode utilizar o método confrontativo e distanciar-se da religiosidade dos escritores e de seus produtos, a partir da posição de uma teologia antitética da revelação.

Ela considera a crítica feita pelos escritores ao cristianismo algo deturpado por fatores individual-biográficos, as visões de mundo de cada um deles, ecléticas, e a compreensão de religião que aí se apresenta subjetivista. E refutarão todas essas coisas. Na melhor das hipóteses, permitirá que a religião dos escritores tenha alguma validade como um “negativo”, em contraste com o qual pode surgir de maneira mais cabal à verdade da revelação divina em Jesus Cristo. As perguntas que uma teologia como essa, propõe aos escritores segundo são:

- a verdade do Deus único não terá sido preterida aqui, em favor das verdades dos poetas?
- A seriedade da vontade de Deus não terá sido ignorada, em favor do ludismo e da falta de seriedade dos poetas?
- A arte não terá se transformado no único instrumento de verdade?
- Deus não acaba por ser abandonado às experiências subjetivas do ser humano? Ou seja, a subjetividade e estética moderna não terão vencido aqui a verdade eterna do Deus vivo? Não é o homem que se torna aqui a constante, e Deus a variável? A experiência vem substituir a revelação? A antropologia não substitui a teologia? E a estética, a transcendência?

Em segundo lugar, a teologia cristã pode proceder conforme o método correlativo, tal como fizeram o teólogo protestante Paul Tillich ou a teologia católica do Concílio Vaticano II. A teologia não é concebida então como teologia da revelação, mas como uma teologia experiencial dialógica, que ilumina o mistério da realidade humana, no horizonte da

revelação cristã. (KUSCHEL, 1999, p. 218).

Foi justamente Paul Tillich (apud KUSCHEL, 1999) quem entendeu como método correlativo o estabelecimento de referências entre a revelação e a realidade humana. Para ele, as respostas presentes no evento da revelação só teriam sentido pleno na medida em que estivessem em correlação com perguntas respectivas ao todo da existência humana. Apenas quem experimentar ao abalo provocado pela efemeridade, o medo em que se constata a própria finitude e a ameaça do não-ser poderá entender o que implica a idéia de Deus. Apenas quem tiver experienciado à ambigüidade trágica de sua existência histórica e questionada por completo, o sentido da existência, poderá conceber o que significa o símbolo do Reino de Deus. Em suma, a revelação responde a perguntas sempre recorrentes, feitas desde tempos imemoriais, porque nós somos essas perguntas.

O ser humano é a pergunta sobre si mesmo, mesmo antes de ter feito qualquer pergunta. E isso esclarece para Tillich como utilizar o método correlativo em teologia, pois a teologia oferece uma análise da situação humana da qual decorrem as perguntas existenciais, e mostra que símbolos da mensagem cristã são as respostas a essas perguntas (KUSCHEL, 1999, p. 218).

O Concílio Vaticano II descreveu de forma semelhante à função da literatura para a Igreja e a Teologia. Na constituição pastoral para a Igreja no mundo de hoje, GAUDIUM ET SPES (apud KUSCHEL, 1999), pode-se ler:

A sua maneira, também a literatura e a arte têm grande significado para a vida da Igreja, pois se esforçam pela compreensão da verdadeira essência do ser humano, de seus problemas e das experiências vividas por ele, na tentativa de conhecer a si mesmo e ao mundo, tornando-os plenos; elas conduzem ao esclarecimento da situação do ser humano na história e no universo, à descrição de sua miséria e de e sua alegria, de sua fraqueza e sua força, e permitem antever para ele um destino melhor. Assim, prestam-se de diversas formas à promoção do ser humano em sua vida, de acordo com a época e o país que descrevem... assim, o saber sobre Deus é mais bem elucidado, a mensagem do Evangelho torna-se mais acessível ao ser humano e revela-se como algo que, desde o início, já estava como que instituído em sua existência (n. 62).

Vista desta maneira, a teologia estará aberta para toda crítica ao cristianismo, por parte dos escritores e poderá levá-la a sério, como expressão de experiências humanas contemporâneas autênticas. Ela não se sentirá ameaçada pela visão de outra religiosidade, mas enriquecida por ela, e pretenderá questionar,

de forma crítica, a própria herança cristã e encetar um diálogo com seus críticos. Nesse diálogo, entenderá a posição dos escritores como “perguntas em aberto” e as interpretará como indicações, rastros e abordagens possíveis em direção a uma verdade mais plena, que uma teologia cristã, praticada de maneira correta, certamente, tenciona conhecer em seu todo.

As perguntas decisivas que essa teologia faz à literatura constituem, ao mesmo tempo, críticas e autocríticas: Que transformações precisam sofrer a teologia cristã para responder de maneira adequada aos desafios dos escritores? E em que ponto os escritores ignoram a radicalidade do discurso cristão sobre Deus, que de fato está presente, ainda que obscurecido por razões sociais e eclesiais? (KUSCHEL, 1999, p. 220).

Os dois métodos merecem discussão diferenciada. Têm pontos fortes e fracos. Sua força em comum é evidente: a clareza, ao estabelecer delimitações para todos os testemunhos da cultura, em virtude do testemunho da revelação de Deus; a inequívoca fixação sobre uma verdade que direciona e ilumina todas as outras verdades; a clara profissão de fé de que cabe ao homem confiar na realidade do Deus vivo e não nos produtos de sua própria cultura; a postulação de que a verdadeira salvação ocorre apenas por meio de Deus e não por meio de autodescrições em testemunhos da ficção humana. Tanto em um método como em outro, trata-se afinal da decisão quanto à verdade com que o ser humano está disposto a se comprometer.

Ainda assim, não se podem ignorar tampouco as fraquezas dos métodos. O método confrontativo reduz o diálogo entre teologia e literatura a um conflito entre ideologia e verdade. A literatura, com isso, vê ser reduzida sua pretensão autônoma de verdade; o escritor é interrompido em sua fala, antes que possa concluir o que tem a dizer. No fundo, o método confrontativo—fixado sobre sua contraparte, seu “anti” não precisa do diálogo, pois já possui em mãos todas as fontes únicas de verdade. Na melhor das hipóteses, ele apenas usa os produtos da cultura para delinear os próprios contornos, para delimitar fronteiras e autodescrever-se. Não pode admitir que também haja uma consciência de verdade externa à revelação cristã, que haja uma disputa sobre a verdade, tanto na arte como sobre ela, nem tampouco que o artista se sinta comprometido com essa verdade em torno da arte. É incapaz de considerar o sofrimento dos artistas, os

medos vitais e o autoquestionamento ao longo do processo de busca da verdade por meio da linguagem e da forma, pois já pressupõe a solução para o problema da verdade.

O método correlativo, por sua vez, também dispõe da literatura para fins próprios. Se o método confrontativo reduzia o diálogo teologia-literatura a um conflito entre ideologia e verdade, o método correlativo impõe-lhe um esquema de perguntas e respostas. Não percebe com isso, que a revelação cristã, tal como testemunhada nas Escrituras, e sempre recolocadas pela teologia, não é de modo algum idêntica ao anseio pela “solução” de todas as questões. A revelação cristã, por certo, contém muitas respostas, mas a característica dessas respostas reside justamente não em fazer calar as perguntas fundamentais da existência humana, porém conduzi-las a uma perspectiva correta. As perguntas últimas do ser humano não são suspensas pela revelação, mas formuladas por ela: Se Deus é o criador do mundo, então por que o mundo é como é? Se Deus selou a aliança definitiva com o mundo, em Jesus Cristo, então por que o ser humano continua a viver sob condições de sofrimento, culpa alienação e desespero? Se Deus enviou seu filho, Jesus Cristo, então por que milhões de pessoas vivem em condições de total desolação, à espera de salvação? (KUSCHEL, 1999, p. 221).

As duas posições, portanto, os métodos confrontativo e correlativo, só podem fazer valer a literatura na medida em que ela se preste a constituir um negativo, da teologia. A relação entre teologia e literatura ficou muito marcada no passado pelo fato de os produtos literários terem sido ou recusados como “ímpios, ou instrumentalizados para fins pedagógico-catequéticos, ou funcionalizados de maneira telógico-propedêutica em um esquema de perguntas e respostas”.

1.3.5 Teopoética: quais os critérios estilísticos para um discurso sobre Deus nos dias de hoje?

Correspondências e contradições: o que isso significa concretamente ainda precisa ser demonstrado com base em alguns dos casos aqui apresentados.

A obra de Hermann Heese nos permite entender como se estabelecem, em literatura, as correspondências com a experiência cristã de Deus e como podem ser produtivas no diálogo entre teologia e literatura. Os romances de Heese, desde o início, são habitados por um questionamento acerca da existência do ser humano no mundo que corresponde à questão primordial cristã por excelência: a questão da justificação. Todos os personagens literários centrais de Heese renderam-se ao

impulso de justificar as próprias vidas. Não vêem a vida como uma obviedade, de que se pode dispor e tirar proveito; para eles, ao contrário, a vida passa a carecer de justificação e legitimação assim que a inocência infantil fica para trás. Até mesmo o lobo da estepe Harry Haller foi tocado por essa reflexão: como viver no mundo sem vincular-se à auto-satisfação burguesa, de que maneira tornar-se possível que se viva no mundo como se ele não fosse o mundo; acatar a lei, e ainda assim, estar acima dela; possuir coisas, como se não se tivesse nada; e renunciar, como se renunciar não fosse renúncia alguma?

Ao deparar com essa questão, inclusive em sua existência pessoal como artista, Heese pôs-se no encalço de um problema muito familiar à teologia cristã e demonstrou estar ele mesmo consciente disso ao fazer uma alusão à Primeira Carta aos Coríntios: como viver diante de Deus no mundo e não trair nem o mundo em favor de Deus, nem Deus em favor do mundo? Como preservar o equilíbrio na vida entre as exigências da vontade de Deus e a urgência das tarefas no mundo? Como vivenciar uma nova existência na fé, se sempre ameaçamos sucumbir às estruturas da existência mundana? “O tempo se abreviou, escreveu Paulo a seus irmãos coríntios: doravante, aqueles que têm mulher sejam como se não a tivessem, os que choram como se não chorassem, os que se alegram como se não se alegrassem, os que compram como se não possuíssem, os que tiram proveito deste mundo, como se não o aproveitam realmente. Pois a figura deste mundo passa” (1 Cor 7, 29-31).

Depois de atravessar várias crises, ao longo de sua vida e incorporar ao seu pensamento as grandes fontes da sabedoria oriental, Heese desenvolveu convicções não muito distantes do cristianismo. Em *Sidarta*, tem-se a convicção de que se devem contemplar todos os seres com amor admiração e temor. E em suas anotações de um tratamento em Baden, no início dos anos 30 (trinta), encontramos a crença que Heese nunca abandonará, até as últimas consequências: “Jamais foi fácil para mim”, ninguém poderia ter menos pendor ao sagrado que eu; mas mesmo assim, sempre deparei com o milagre ao qual os teólogos cristãos deram o belo nome de “graça”; a vivência divina de reconciliação, do não-resistir, do estar voluntariamente de acordo que nada mais é senão a entrega cristã do eu ou o conhecimento indiano da unidade. Em outras palavras, ele cunhou com seus textos literários um estilo para o discurso sobre a justificação, que pressupõe – antes da vivência do discurso sobre justificação plena, em Jesus Cristo pela graça de Deus, como mensagem de libertação, a descrição das rupturas, abismos e contradições

da existência humana. Justificação não é um produto dos próprios esforços e conquistas, mas sim um dom da graça de Deus.

Assim como Heese, outros escritores também preferem subsídios para o estabelecimento de critérios de estilo. O discurso sobre Deus não está isento de um sujeito ou de uma realidade, porém situado em um local, e envolto por uma situação, imerso na tríade: espaço, tempo e presença do outro.

O discurso sobre Deus não acontece por via monológico-abstrata, mas dialógico-encontro. O discurso sobre Deus ocorre nos limites extremos das possibilidades da linguagem, sob a consciência de que o não-saber constitui fundamento e resultado de toda dicção sobre Deus e de que tal dicção só se consuma na dialética entre a fala e o silêncio. Aí está o grande valor da busca de correspondência entre teologia e literatura. Ao ocupar-se dos textos literários e respeitar-lhes a autonomia, percebendo os critérios formais que os conforma, a teologia pode tomar a sério um aspecto da literatura que lhe deve ser muito caro: é aguda nos textos literários a consciência de que não se dispõe do objeto de que se fala. E o mesmo vale para a teologia. Tampouco ela dispõe do objeto de sua reflexão, em favor do qual presta testemunho. Ela apenas é capaz de apontar, a partir de si, para o mistério inefável. E o discurso teológico só pode ter êxito no confronto com textos literários caso se conscientize da problemática de sua própria dicção; do desgaste de suas imagens e de sua linguagem, das fórmulas vazias em que pode incorrer sua expressão (KUSCHEL, 1999, p. 225).

1.3.6 A Teopoética de Rubem Alves

Dentre todos que refletem sobre o tema da relação entre teologia e literatura, o nome de Rubem Alves merece destaque. Não tendo a intenção de um longo desenvolvimento a respeito do método, ele foi um dos primeiros a se apropriar de uma forma do fazer teológico. Apesar de não haver uma teórica discussão sobre o tema, Rubem Alves assumiu, de maneira crescente, uma fala acerca de Deus. O poeta tem nos poetas, e em outros autores da literatura, os essenciais interlocutores na apresentação de suas imagens sobre Deus. Isso representa valiosa contribuição para a pesquisa sobre teologia e literatura. Ele é consciente de que assuntos teológicos residem nos corpos das pessoas e não constituem meros objetos de conceituação. Aquele que crê e se vê chamado por seu Deus, já vive teologicamente, traz em si as marcas de sua fé e, no seu modo de viver, encontram-se introjetados certos valores.

Antes de ser da academia, a teologia pertence à vida, e esta se entrelaça na teia simbólica, construindo as diversas relações que nos formam, uma vez que para Rubem Alves, não existem realidades brutas à nossa frente, elas sempre são encaradas através dos símbolos que as fazem suportáveis durante a nossa vida. Logo, a consciência é uma extensão do corpo, que apreende o mundo em dimensões sensitivas e emocionais.

Dimensões consideradas inferiores não são negadas pela consciência em uma visão de mundo comprometida com a dicotomia que separa razão da emoção e reflexão da experiência. Portanto, dentro dessa visão, em torno dos símbolos é que Rubem Alves compreende o papel da religião em diálogo permanente com a cultura e os desejos, porque ela é:

“... teia de símbolos, rede desejos, confissão de espera, horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza”.

Por isso, a religião deve ser entendida dentro da relação com o imaginário humano, com os desejos mais profundos, não como alienações, porem como forma de estabelecer dignidade da vida humana, defendendo o amor e procurando as novas maneiras de poder.

Como é possível então manter a força e a beleza da religião?

É necessário, trabalhar de maneira nova com as palavras, não para fechá-las dentro de ideologias quaisquer, com aparência de religiosidade, ou até mesmo subjugando-as como escravas de interesses políticos e de arbitrariedades eclesiais:

“Eu queria re-inventar as palavras (...), porque as palavras, de tantas repetições vão ficando gastas e, de repente, nada mais que cascas de cigarra, vazias, agarradas aos troncos rugosos das árvores, testemunhos de um espaço onde estive a vida.”

Para que isso aconteça, é preciso que a narrativa poética da Bíblia deixe de ser encarada como material arqueológico que irá ser decifrado e, depois, transformado no campo do domínio ideologicamente, rígido. O teólogo necessita

abrir-se ao diálogo para com aqueles que não pertencem à tradição teológica normativa.

As formas poéticas desvelam questões profundas da vida e da fé. Segundo Rubem Alves, esse diálogo constante com poetas e autores da literatura vai cada vez mais sedimentando esse gosto vital na teologia. Daí que seu conceito de teologia não poderia ser de outro modo, senão desse.

Digo isto para sugerir que, para aqueles que a amam, a teologia é uma função natural como sonhar, ouvir música, beber um bom vinho, chorar, sofrer, protestar, esperar (...). Talvez que a teologia nada mais seja que um jeito de falar sobre tais coisas, dando-lhes um nome e apenas distinguindo-se da poesia porque a teologia é sempre feita como prece (...). Não, ela não decorre do “cogito”, da mesma forma como poemas e preces. Ela, simplesmente, brota e se desdobra como manifestação de uma maneira de ser: “suspiro da criatura oprimida”; seria possível uma definição melhor?(ALVES, 1984, p. 27).

A literatura, conforme Rubem Alves, assume grande importância. Mais do que material lido teologicamente, ela se torna uma gama de leituras carregadas de temas teológicos.

1.3.7 Contradição da teologia

O pensamento estrutural-analógico implica não apenas a vinculação por meio de correspondências afirmativas, mas também a descoberta de contradições. Pois religião, a partir de sua própria autocompreensão, e, mesmo em face do grande significado que têm a subjetividade e a criatividade dos autores, é mais que mera religiosidade. A religião possui, ao lado de uma dimensão subjetiva, também uma dimensão objetiva; ao lado da realidade individual, também uma realidade social. É assim que o escritor começa a escrever; já está se confrontando com essa realidade social “objetiva”. Quem se lança como escritor ao espaço da religião, quem fala literalmente sobre Deus, depara-se, inapelavelmente, com elementos historicamente estabelecidos e objetivados; profissões de fé, doutrinas, ritos e práticas; eximem a discussão sobre religião de um caráter meramente aleatório.

Essa dimensão objetiva da religião não subsiste sem testemunhos, textos, documentos autênticos e não-autênticos registrados nessas fontes. Para que a religião ultrapasse o âmbito meramente privado, o escritor não pode se eximir de ler os textos clássicos da religião cristã e não-cristã e

apreendê-los em toda sua amplitude. Daí decorre um duplo desafio proposto pela teologia ao discurso literário sobre Deus. O teólogo cristão exige mais que uma religiosidade de caráter geral. Vinculado a uma forma concreta da religião, tal como manifestada na mensagem de Jesus de Nazaré, cabe-lhe, no diálogo com a literatura, insistir em verificações concretas. Ele ansiará por ver o discurso concretizado na figura do Deus feito homem, o universal concretizado no particular, Deus na figura de um ser humano, em particular. Em um diálogo crítico com a literatura, é a partir daí que se deve tematizar a compreensão de Deus e do homem. A teologia, no diálogo com a literatura, precisa lançar um olhar corretivo sobre todas as interpretações particulares e seletivas dos personagens e textos religiosos, cristãos ou não; pois a subjetividade na recepção de tradições religiosas também pode levar ao subjetivismo. Às vezes a autenticidade pode exigir o alto preço de uma escolha aleatória dos elementos representados. As experiências específicas dos autores, portanto, precisam ser novamente corrigidas, complementadas e aprofundadas pelas experiências das tradições religiosas clássicas. A Bíblia é sempre mais que mero material para a representação de conflitos básicos do ser humano. Ela é testemunho da história do Deus que se relaciona com o mundo, mas é testemunho também da história de desespero e de esperança dos seres humanos na relação com seu Deus. O desafio da Bíblia reside, portanto, em mencionar e desdobrar os problemas humanos fundamentais, mas ao mesmo tempo, em afirmar a salvação e oferecer um caminho de salvação (KUSCHEL, 1999, p. 226).

1.3.8 A sacração da poesia

A sacração da poesia tem antes a ver com a radicalização de sua eticidade, por onde ela se define como poesia que aceita os desafios da realidade circunstancial, do que com uma subtração do poeta para os reinos diáfanos da poesia dita profunda. Não existe a leitura de um autor, mas possibilidade de leitura que, por isso mesmo, confirmam a riqueza (TENÓRIO, 1996, p. 12).

Antes de começar a leitura, ver se nada falta. Se o velame está em ordem. Se os instrumentos de navegação estão todos em seu lugar. A bússola se for o caso, mas também o astrolábio, ou o quadrante, tudo enfim que é indispensável para a partida. Não esquecer os mapas, velhas cartografias do desejo, sem os quais é impossível navegar. Depois, certificar-se do roteiro: é tudo o que sabemos, ao partir. Mas não é tudo. Como poderá um navegante, no começo de sua aventura, dizer com exatidão o ponto em que chegará? Então, confie nos ventos e nas marés e ainda nas estrelas. Ao final da leitura, teremos os pormenores da viagem (TENÓRIO, 1996, p. 21).

Se for uma leitura de poesia, não há como evitar a questão poética. Se for uma leitura teopoética de poesia, à questão poética acrescenta-se agora a questão teológica. E surge, por consequência, uma terceira questão que é a das relações entre poesia e teologia. Questões prévias das quais, entretanto, não há como fugir se deseja como é necessário, balizar o caminho que se vai percorrer (TENÓRIO, 1996, p. 26).

A primeira questão, sobre leitura de poesia, suscita duas perguntas, ou, talvez, seja apenas uma desdobrada em duas: 1) De onde se parte? Qual o ponto de observação? Em poesia, há muitos lugares de chegar, mas um só de partir: esse é o texto. Assim, é do texto que se parte. Mas não para exercer a vontade de potência sobre ele. Entendamos bem. Não se quer obrigar o texto a confessar nada, até porque o poeta não faz “profissão de confessar”, sendo daqueles que não fazem para se expor, mas para dar a ver o que há. Entretanto, para ver o que há, o leitor vê-se obrigado a escolher um ponto de observação. De onde se fará a leitura? Leitura intrínseca ou extrínseca? A partir do interior do texto ou o contrário? Da forma ou do conteúdo?

Que fique logo muito claro: não se deseja fazer o *desideratum*, a crítica da crítica nem tampouco assumir o papel de bibliotecário, catalogando exaustivamente as diversas correntes literárias, quem é quem e o que diz. Não obstante, é necessário delimitar posições e não se pode fazer isso sem, de algum modo, ver como essas correntes se definem.

Para abrir a primeira trilha no caminho, pontuemos as linhas gerais do problema a partir do século XIX. Com o Romantismo, firma-se a chamada crítica biográfica, na qual se dá ênfase aos dados pessoais do autor. Mais tarde, surge uma crítica de recorte determinista, que privilegia os fatores sociais e procura adotar, na interpretação das obras literárias, o modelo científico, que então começa a se desenvolver. Vem, a seguir, a crítica impressionista, que rejeita os elementos objetivos e se centra na subjetividade do leitor. O que há de comum a essas três correntes do pensamento crítico é a valorização dos elementos externos à obra – a intenção do autor, seus condicionamentos biográficos, sociológicos e psicológicos - de tal modo que, a obra mesmo torna-se um elemento secundário na construção da análise. A partir de Jakobson, assim como a lingüística constrói o seu objeto teórico- a langue de Saussure- a ciência literária propõe também um objeto específico- a literariedade. (TENÓRIO, 1996, p. 29).

2 DOM HELDER PESSOA CAMARA

2.1 SÍNTESE BIOGRÁFICA

2.1.1 Fortaleza, Ceará (1909-1936).

Dom Helder Camara foi o décimo primeiro dos treze filhos da ilustre família de classe média, ligada à oligarquia política que dominava então o Estado do Ceará. Recebeu uma esmerada educação e entrou aos 14 anos, para o Seminário diocesano de São José, dirigido pelos lazaristas franceses. Foi ordenado presbítero em 1931 e, imediatamente, lançado, pelo seu próprio arcebispo metropolitano, na arena política local, com a dupla missão de reunir os trabalhadores católicos em círculos operários de orientação corporativista e organizar, em todo o Estado, a Liga Eleitoral Católica (LEC), em vista das eleições constituintes - estadual e federal - que se preanunciavam. Executou essa segunda missão com tal sucesso que, no Ceará, a LEC transformou-se em verdadeiro partido político e venceu folgadoamente as eleições de 1933 e 34. Tornou-se um dos líderes do movimento integralista e assumiu importante função na estrutura do poder local.

2.1.2 Rio de Janeiro, DF / Guanabara (1936-1964)

Em 1936, desiludido, transferiu-se para o Rio de Janeiro, então capital federal do Brasil, como simples burocrata do Ministério da Educação. Durante 10 obscuros anos, passou por uma profunda metamorfose, abandonando totalmente os ideais políticos de matriz autoritária. Em texto autobiográfico até hoje inédito (CAMARA, 1943), escreveu: “em plena sede integralista, no Ceará, provei, mais de uma vez, os erros do racismo. Combati, também, de peito aberto, o estado totalitário, isto é, o estado que pretendia esmagar a pessoa humana, abolir a família e a igreja. O integralismo teórico não era totalitário. Quanto, a saber, se, na prática, os integralistas caíam no exagero dos fascistas e nazistas não estou longe de aceitar...”.

A convivência com Dom Sebastião Leme, cardeal arcebispo do Rio, refratário ao integralismo e infenso a qualquer envolvimento partidário por parte da

Igreja, e com o maior intelectual leigo católico brasileiro do século XX, Alceu de Amoroso Lima, num primeiro momento simpatizante do integralismo, como Helder, pareceu ter sido fundamentais nesse processo. Através deste último, conheceu o pensamento de Jacques Maritain, lendo ainda em 1936 o *Humanismo integral*. A partir de 1946, com o apoio do novo cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, Jaime de Barros Câmara, abandonou a carreira burocrática e assumiu integralmente missões que o colocaram rapidamente no centro decisório e na liderança intelectual e moral da Igreja católica no Brasil.

Tornou-se vice-assistente da Ação Católica à qual lhe deu uma organização nacional. Em 1952 fundou com o apoio do então Mons. Montini, futuro Paulo VI, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Eleito bispo auxiliar do Rio de Janeiro e nomeado secretário geral da Conferência, transferiu para esta organização o modelo organizativo e os quadros leigos que formaram na AC. A idéia de um secretariado geral permanente para a Conferência episcopal foi uma de suas principais contribuições para o fortalecimento deste tipo de organismo eclesial. Em 1955, promovido arcebispo, secundou o bispo chileno Manuel Larraín na fundação de outro importante organismo colegial, o Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), do qual fora vice-presidente.

Nos 12 anos passados como auxiliar do Rio de Janeiro e, contemporaneamente, como secretário geral da Conferência Episcopal, evoluiu, gradualmente de ações de cunho assistencialista, centradas na promoção da dignidade humana das pessoas, vistas como indivíduos - algumas das quais de grande repercussão e existentes até hoje - ações estruturais, no âmbito político, social e econômico, voltadas para a transformação dos mecanismos sociais que geravam o subdesenvolvimento do Brasil e o empobrecimento brutal de grande parcela de sua população, com a conseqüente violação dos direitos da pessoa humana, em todas as suas dimensões. De 1962 a 1965, participou intensamente do Concílio Vaticano II, sem jamais falar publicamente na Ala Conciliar.

Envolveu-se diretamente na organização dos principais grupos informais que influenciaram o andamento daquela Assembléia: o *Ecumênico* (grupo formado pelos secretários das Conferências Episcopais), o *Opus Angeli* (grupo que reunia os

mais influentes peritos) e o grupo da *Eglise servante et pauvre* (também conhecido como o grupo da *Igreja dos Pobres*. Ao final do Concílio, seus participantes assinaram o famoso *Pacto das Catacumbas*, comprometendo-se a viver uma vida de real pobreza e a renunciar a todos os símbolos do fausto episcopal).

2.1.3 Recife, Pernambuco (1964-1999)

Nomeado em março de 1964, arcebispo residencial de Olinda e Recife, tomou posse logo após o golpe, o qual deu início a vinte longos anos de ditadura militar. Tornou-se o “inimigo número um” das forças conservadoras, por não se deixar intimidar e pela sua penetração nos meios de comunicação. Tornou-se a “voz” internacional dos pobres e dos perseguidos do regime. Durante o seu ministério pastoral promoveu as *Semanas de Evangelização*, o *Movimento de Evangelização Popular* e a *Operação Esperança*. Criou o *Seminário Regional do Nordeste*, o *Instituto Teológico do Recife* (ITER), o *Serviço de Documentação e Informação Popular* e a *Comissão Justiça e Paz*.

Participou ativamente da preparação e desenvolvimento da 2ª Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano, em Medellín (1968), e da 3ª, em Puebla (1979). Em 1985, atingindo o limite de idade, afastou-se como arcebispo emérito e assistiu à destruição sistemática, promovida por seu sucessor, das estruturas pastorais por ele criadas e à perseguição de seus principais colaboradores.

Dedicou-se à Fundação Obras de Frei Francisco, à qual doou sua documentação e tentou promover, como última iniciativa profética, a campanha mundial “*Ano 2000 sem miséria*”. Faleceu em 27 de agosto de 1999, em Recife.

Pensamento e obras. Síntese rara e feliz do místico e do eficiente homem de ação; sabe-se que dedicou fielmente, desde a sua ordenação, aos 22 anos, pelo menos três horas, cada madrugada, à contemplação, à meditação e à escrita. Com isso, escreveu muito: somente as suas cartas-circulares, enviadas fielmente, durante os quatro períodos do Concílio, à “família” de colaboradores e, principalmente, a colaboradoras leigas as quais o ajudavam na direção da Conferência Episcopal, perfazem um total de mais de mil páginas manuscritas. Infelizmente, grande parte de seus escritos permanece ainda inédita.

Somente agora, o Instituto (IDHeC) está promovendo a publicação de suas Obras Completas. Quem teve o privilégio de conhecê-lo pessoalmente e escutar uma de suas famosas conferências ou ler suas meditações, percebe que o amor apaixonado por Deus e pelos seres humanos foi uma constante em seus escritos; seus gestos e sua ação, enquanto homem e sacerdote. O percurso intelectual de Helder Camara é representativo do percurso da própria Igreja brasileira e daquele núcleo de clérigos e leigos que a transformou, ao longo do século XX, de uma Igreja confinada às sacristias em uma Igreja comprometida com a transformação social e a luta pela justiça; a Igreja das Comunidades de Base e da Teologia da Libertação, dos anos 70.

Paradoxalmente, esta renovação foi inicialmente marcada pelo pensamento conservador do catolicismo social francês. Desde o período da chamada “romanização do catolicismo brasileiro” até a segunda década do século XX, a influência é, sobretudo, institucional: várias ordens religiosas francesas assumiram a formação do clero brasileiro, nas principais dioceses. No caso de Dom Helder, os Lazaristas. A partir dos anos 20 a influência vem da *Action Française*, de Maurras, de Maistre e Léon Daudet, por intermédio do *Centro Dom Vital* e sua revista, a *Ordem*, fundada em 1922 por Jackson de Figueiredo e por ele dirigida até a sua morte prematura em 1928. Não por acaso, o *Centro* contava com o apoio integral do então arcebispo coadjutor do Rio, o futuro cardeal Leme. Este se notabilizara pela sua Pastoral de 1916, ao tomar posse como arcebispo de Olinda e Recife, ao defender algumas idéias que fizeram desta carta pastoral, talvez a mais famosa da história da Igreja no Brasil: a Igreja deveria se organizar e unir, para poder exercer sua influência sobre as diferentes classes sociais, em especial, os intelectuais e os governantes, fazer face aos desafios da modernidade e restaurar a doutrina.

Depois, a partir dos anos 30, a influência vem do pensamento de Jacques Maritain, magistralmente representado no Brasil pelo seu discípulo Alceu de Amoroso Lima, cuja conversão pública ao catolicismo, em 1928, teve um impacto profundo na juventude intelectual católica. Não por acaso, é deste mesmo ano o início da correspondência entre o Dr. Alceu e o jovem Helder, recém entrado no

primeiro ano do curso de teologia. O pensamento de Maritain permitiu-lhe pensar a modernidade, a secularização e a inserção da Igreja nos processos democráticos. Depois da 2ª Guerra, serão autores como Mounier e Lebreton que contribuirão para a transformação do pensamento reformista e a consolidação da esquerda cristã brasileira.

Note-se que Dom Helder não foi apenas um seguidor de idéias alheias, maravilhado com tudo o que vinha de fora do país. Notável foi a humildade com que pedia e recebia indicações de boas leituras (foram inúmeras, as observações que fez sobre as obras de Maritain, Lebreton, Mounier, Calvez, Congar e Voillaume, entre tantos outros autores); precisa-se reconhecer também a sua coragem intelectual, a sua capacidade de pensar em grande estilo, olhando de frente para o amanhã.

Em suas cartas circulares conciliares, por exemplo, ele se bateu pelo que chama de “terceira encíclica”, na linha da *Mater et Magistra* e da *Pacem in Terris*: uma profética e corajosa tomada de posição, por parte da Igreja, na figura de seu pastor universal, pela “socialização com expansão da pessoa”, para ele “quase a única possibilidade de romper o subdesenvolvimento” (Circ. 11/1963).

Esta encíclica será a *Populorum Progressio* de Paulo VI, redigida em grande parte por Lebreton e com importantes contribuições de Helder Câmara. Em outra circular, tornou sobre o assunto, buscando “o essencial a salvaguardar para que qualquer experiência socialista, com o nome que quiser, realize a socialização como expressão da pessoa” (Cir. 24/1963). Nomeado para Olinda e Recife, ele procurou colocar em prática, em sua ação pastoral, o primado da pessoa humana: “Diante do quadro, fico pensando: como atingir os propósitos? Como ajudar a expansão da pessoa humana em “largura, comprimento, altura e profundidade”, no plano natural e sobrenatural? “Que forças despertar para isto?” (Cir. 51/1964).

Mesmo não sendo, nem pretendendo ser um pensador sistemático, dedicado à produção escrita, Helder Câmara contribuiu vigorosamente para que a pessoa humana e sua radical dignidade fossem assumidas pela Igreja do Brasil, como centro de sua ação pastoral de conjunto, em uma histórica opção que só o tempo saberá valorizar totalmente.

2.2 DOM HELDER E O SEU ANJO JOSÉ

Dom HELDER se cognominava Pe. José, visto que esse nome fora o nome que a sua genitora pensara em dar-lhe, ao nascer.

Amando sempre a poesia e a ela recorrendo em forma de oração, procurava ele manter um vivo colóquio com o Pai Onipotente, através de poemas, enaltecendo a grandeza do Criador e, ainda as maravilhas da natureza. José ocupava na sua mente imaginativa o Anjo da guarda, aquele que o direcionava nas tomadas de decisões, frente a todas as situações que deveria enfrentar; enquanto Pe. José significava um heterônimo, auxiliando-o, por assim dizer, no que concerne às realidades espirituais, sua mística, suas reflexões e meditações do dia-a-dia; tudo quanto estava contido no recôndito do seu coração e no âmago de sua alma.

Seus poemas vêm demonstrar claramente todo esse seu carisma e desprendimento em meio aos acontecimentos em que ele se inserira, sempre em busca de defesa dos direitos humanos, em prol da vida, bem como anunciando as verdades evangélicas e também denunciando as injustiças encontradas nas múltiplas maneiras do nosso sistema capitalista. O Anjo não lhe representava um fantasma, ou, talvez, alguém que o conduzia a quimeras, adivinhações quaisquer, porém constituía-lhe uma força viva, a presença constante do Espírito Santo que o encorajava e do qual estava ele cômico de haver recebido seus dons e frutos.

2.3 O OUTRO: O OBJETIVO DA PALAVRA DE DOM HELDER

Em todo discurso, homilias e textos, a única preocupação do nosso pastor foi, sem dúvida, a pessoa humana. Sua linguagem assumia sempre uma dimensão holística, onde tudo e todos se tornavam centros de interesse e de estima.

“Falo, porque não estou só!” Mesmo no solilóquio, ele via diante de alguém – *o outro*, com o qual ele estabelecia um diálogo. Quando falava ao mundo, falava-lhe como se este estivesse revestido de uma figura de um *alter ego*. Essa constatação do ser pessoal no além de si próprio, já se atesta nas formas de linguagem, desde seus primórdios. O outro é para cada um de nós uma condição de existência, quer intelectual, moral, social e até mesmo materialmente. E assim, vamos nos conscientizando de que o eu só adquire força, na medida em que ele se abre ao outro; assim, nesse diálogo, ele poderá tornar-se consistente e atingir a essência da linguagem.

Dom Helder Camara, que viveu uma experiência do “TU”, dos companheiros em humanidade, num profundo mergulho de seu próprio ser, em nossa época, falou e escreveu, demonstrando sua vivência com o Cristo e comprometimento com o irmão, pois mística é, para muitos, a experiência da situação dos pobres e oprimidos; é experiência de totalidade que se faz; uma espécie de sentimento da presença de toda a realidade, e até da origem de tudo.

2.4 MENSAGENS DE UM PROFETA NORDESTINO PARA AS MINORIAS ABRAÂMICAS

Não havia lugar para Ele...
Quando passares
 Abrigado contra o frio,
 Protegido contra a chuva
 E vires,
 Na Pessoa de um pobre
 Jesus Cristo ensopado,
 De roupa colada ao corpo,
 De ossos gelados,
 De alma tiritando de frio,
 Mesmo que não possas parar
 Mesmo que não haja lugar em teu carro
 Ou não te seja possível
 Levar para casa
 O teu Senhor_

Vai rezando
 Para que um dia
 Sem demora
 Haja lugar para Ele
 Em todos os carros,
 Em todas as casas,
 Em todas as almas.
 (CAMARA, 1976, p. 94).

Em nossos dias, como nos custa ser livres. Nem sempre ouvimos o nosso coração; nem sempre paramos para escutar a voz interior. Muitas e muitas vezes, até queremos, porém ficamos temerosos de alguém nos questionar ou que venha rir de nossas atitudes. Por quê? Dependemos de tanta gente, somos até escravos do tempo, das novelas, etc. Ser samaritano atualmente é achar uma pérola em plena avenida, é dar saltos no escuro.

Vez por outra, levamos cestas básicas a algumas entidades, pagamos certas taxas que beneficiam os menos favorecidos, damos roupinhas usadas, mas será só isso que solucionará o problema da miséria humana?

Dom Helder prega a justiça. Nada de assistencialismo, uma vez que somos ricos e não devemos nos conformar com migalhas, esmolas e coisinhas hoje, daqui a pouco, não.

Claro que sozinho jamais alguém poderá ter voz, nem ser ouvido. Todavia, se tivermos a coragem para sermos agentes de construção, vale organizarmo-nos em equipe, estudarmos, a fim de conhecermos nossos direitos e aí sim, poderemos sair, à luta, exigindo das autoridades competentes o que nos é devido.

Concretamente, por que não exigir que todo e qualquer plano urbanístico resolva primeiro e de verdade o problema de habitação de quem tiver de ser deslocado pela construção de estradas, ou alongamentos de ruas, ou construção de viaduto (CAMARA, 1976, p. 94). A realidade duríssima vivida pelos nossos povos nos vem ajudando a abrir os olhos e a tomar posição decidida em favor dos pobres (CAMARA, 1993, p. 85).

Quando a pessoa humana descobre as causas estruturais do sofrimento alheio, ou melhor, do seu irmão, ela não se fecha em seu aposento, alimentando

um sentimento de piedade, mas ela sai ao encontro de outras pessoas que tenham inquietações semelhantes. Isso não quer dizer que, de agora em diante, elas irão agitar-se, enveredando pelos caminhos da violência. Conscientes, elas buscam alternativas de solução. Todas as pistas que lhe forem apresentadas são, por assim dizer, início de um processo de conscientização; e, através deste, elas percebem o lugar do Homem construtor da história, percebendo, outrossim, que é possível a humanização do mundo.

As inteligências das Minorias as levam a encontrar os caminhos mais de acordo com seus talentos e suas possibilidades de ação. A título de ilustração, lembro um só exemplo; há Minorias que adquirem ações de grandes Empresas, participam das assembléias gerais, escrevem aos colegas acionistas, se recusam a se deixar manipular, não permitindo que os lucros das Empresas sejam obtidos ao preço do esmagamento de indivíduos, filhos como nós, do Criador e Pai. É verdade que o resultado da atuação dessas Minorias ainda é modesto. Porque não ampliar esse esforço? Na medida em que as Minorias, sedentas de justiça, provarem à Maioria da Humanidade que a “Massa” amorfa pode se transformar em povo consciente e livre, o jogo mudará. (CAMARA, 1993, p. 62).

2.5 ANO DOIS MIL SEM MISÉRIA

Já anunciara o nosso pastor. Ele acreditava na força do homem que sabe lutar e que também está a par do plano do Criador. Foi isso uma utopia? Para uns tantos, sim. Para os que continuam a interrogar-se no tocante à existência, à inserção no conjunto harmonioso do universo, o alerta está de pé. Ele já nos deixou, fisicamente. Agora, junto do Pai amoroso, ele nos acompanha e volve seu olhar para os que alimentam esse desejo e nele crêem. Está difícil, é utopia mesmo, argumentam muitos.

Se assim for, vamos à guerra. “Quem vai ganhar o fraco ou o forte”? (Subtítulo do III Movimento da Sinfonia dos Dois Mundos)

O forte, que é o fraco, admita isso dizer, uma vez que ele mesmo sendo fraco economicamente, porém com o seu ideal de luta e a sua consciência de ser chamado por Deus à vida, vida que significa empenho numa tarefa árdua, mas bem

assegurada, ele é um líder, um destemido, um que tenta vencer. Ao passo que o forte, querendo ser sempre o forte a pisar o pequeno, é o verdadeiro fraco; um pobrezinho, sem visão crítica da realidade, medroso e covarde frente a uma realidade complexa e que, ao se aproveitar da aparente fraqueza do pobre, rouba-lhe os seus pertences e ainda se dá ao luxo de afirmar que tudo possui.

A 3ª Guerra Mundial ainda persiste e parece que outras guerras nos acompanham até em nossos dias. Uma vez, chamado por Deus à vida, cabe ao homem declarar guerra às injustiças sociais, ao abuso dos grandes em apossar-se dos bens alheios e a todas essas bagatelas que o impedem de ser gente. A **PAZ** há de cantar a vitória, não penas nos lábios dos cantores eclesiais, nem nos discursos bonitos dos políticos; seu nome precisa alçar vôo, atingindo a dimensão que lhe é reservada.

3. ANÁLISES DE TRECHOS DE OBRAS DE DOM HELDER

3.1 INÉDITOS DE FORTALEZA

3.1.1 A escolha de Deus

1) Farei declaração em cartório...

Dom Helder Camara reconhece suas limitações e pequenez. Maravilhado, ele constata que o Bom Deus o chama a si. Ele tem um plano sobre seus filhos e, para com Dom Helder, carinhosamente. Por isso, Deus o cria, dá-lhe um nome e, como se isso não bastasse, ainda o fez seu servo no ministério sacerdotal.

Acredita Dom Helder, no respeito que seu Deus confere à liberdade humana. Ele se vê livre, porém se encontra diante de um mistério profundo. E como Deus nada faz de errado, Dom Helder crê na onipotência divina, a ela se entrega, experimentando tão forte amor e confiança.

Apesar da fragilidade humana nas incontáveis quedas do dia-a-dia, Deus não age com cerimônias quando escolhe alguém. Nada de apoteose para que se entre no seio de sua família. Quando a amizade é grande, as palmas são abolidas, mete-se a mão, abre-se a porta, vai-se entrando.

Ele se sente amigo íntimo de Deus e pede-lhe que este esteja à vontade para chegar a sua casa, ao seu coração. Daí a certeza de tão grande amizade; Dom Helder já se sente bem-amado por Deus e então, ele se entrega sem reservas. Dom Helder e Deus, poderia dizer-se amigos inseparáveis.

2) Fazes de conta que somos necessários

E assim, sabendo-se amigo de Deus, ele, Dom Helder, abre-se ao diálogo, como fazem todos aqueles que confiam e encontram correspondência na pessoa amada. Ele vai enumerando algumas etapas de vida; momentos em que estivera abatido...um, outro, no auge de suas atividades. E o Senhor Deus o conduziu estrada afora.

Crescem as experiências e, com esse crescimento, ele chega à maturidade. Esta vai levá-lo à descoberta do verdadeiro significado do ser cristão; nada de inutilidade! Em qualquer situação em que se encontre o cristão, ele é sempre alguém. Alguém que goza do amor do Pai. Não importam quais sejam as circunstâncias que se lhes apresentem, importa sim, saber que esse cristão é possuidor de alguma potencialidade, quer esteja ele sadio, quer enfermo, ou sepultado, porque, nas três hipóteses, há centelhas de vida.

3) Será comodismo?

Após o colóquio com seu Deus, vem o alívio; é como se todo o questionamento alcançasse respostas satisfatórias ao seu coração. Contudo, vem-lhe à mente uma inquietação: “comodista fui eu?” Deus já está tão presente nele que logo responde: “não”. Analisa e reconhece suas capacidades intelectivas, culturais, as quais o auxiliam e sustentam-no na boa qualidade de suas pregações. Mas, possuindo o senso crítico, ele se auto-analisa e se questiona:

“Mas poderei, pregando, converter alguém”? Converter é dar um rumo novo a uma existência. É mergulhar no íntimo de uma criatura, apanhar-lhe o coração, revolvê-lo completamente, desprendendo-o da terra, prendendo-o a Deus...

Isso lhe toca o âmago da alma e ele medita. Por fim, estabelece um paralelo entre uma criancinha e sua mãe, quando esta última faz de sua filhinha um protagonista, na escrita de um bilhete ao papai; ela é levada a cooperar em uma ação. Criança, pessoa frágil e dócil. Assim somos nós, perante Deus. O importante é deixar-nos guiar por Ele. É Ele quem caminha conosco e nos vai preenchendo, pouco a pouco. É Ele o artista, nós, os acessórios: pincéis, tinta, balde...

A cada esvaziamento a que nos permitimos diante de Deus, é mais um vácuo que se enche e, de servos inúteis, passamos a sermos fiéis e necessários, Deus, o oleiro, nós, o barro.

4) Quem foi mais longe?

Aqui, Dom Helder confirma a sinceridade da palavra dos santos e ressalta a intrepidez de Teresinha de Lisieux, com a sua vivência evangélica, na firme decisão de estar nas mãos de Deus.

Dom Helder é convicto de que a graça de Deus o abarca todo por inteiro e esta graça representa para ele um aprendizado. O que mais desejar? Bem mais precioso, não poderia ele ter. As suposições de perdas de entes queridos, de enfermidades graves, má difamação... tudo isso ficou superado. É a graça de Deus que o vivifica.

5) O que talvez me peça

Sendo humano, é óbvio que contingências e limitações também fizeram parte de sua vida de padre e de bispo. Consciente do humano que é, vê-se Dom Helder esmagado pela mediocridade. Não se envergonha disso e nem se desespera em tê-la.

Deus não irá pedir-lhe que deixe inesquecíveis legados, como fizeram Dante, Francisco de Assis e tantos outros. Porém, sua capacidade lhe permitirá de escrever determinados artigos sobre os quais se vêem registradas marcas de sua conduta.

E no que concerne à mediocridade, ele foi oferecê-la ao Senhor, para que seu orgulho fosse quebrado e, desse modo, pudesse ele desmascarar aquele mal tão anônimo e silencioso que, na maioria das vezes, não é percebido, muito embora tenha sido destruidor de atos heróicos.

3.1.2 Reminiscências do púlpito

1) Insucessos iniciais

Aberto à graça de Deus, deixou-se o dom da Paz ser trabalhado, e, conseqüentemente, tornou-se um missionário. Foi merecedor dos prêmios de literatura. O belo e o emocionante irradiavam-lhe a alma, a inspiração fluía-lhe mais e mais. Temas áridos e amorfos jamais o assustaram, pois tinha o dom de redigir; a poesia e o lirismo fertilizavam seus escritos.

Todavia, certa vez, ao pregar sobre a transfiguração de Jesus ele confessou que o literário predominou, enquanto que o espiritual se fez razoável. Sob a ótica avaliativa, as idéias ali expressas retratavam assim a sua própria transfiguração e o seu próprio triunfo.

E afirma ele que o Bom Deus, não querendo que ele se perdesse, ofereceu-lhe mais uma oportunidade, em uma nova situação, para ir ao púlpito. Foi quando, ouvindo relatos do Senhor Arcebispo no tocante à Ss. Trindade, ele o nosso Dom, logo se entusiasmou para abordar o assunto. E lá foi ele. Subindo ao púlpito, lançou com precisão todo o texto que havia preparado com esmero. E qual não foi a sua decepção, vendo colegas e alguns dos presentes dando risadas pelo seu fraco desempenho em frases decoradas, e, ainda, pela pobreza das idéias.

Deus não o abandonara. Foi mais uma circunstância para mais um sinal de alerta da graça de Deus presente na sua trajetória.

2) A palavra dura de um homem de Deus.

Conhecendo um padre missionário que pregava dentro do Evangelho, sem erudição, sem filosofia, o Eterno Dom da Paz apressou-se em imitá-lo; com esse desejo, encaminhou-se até a sua residência.

Em conversa, com o presbítero, Dom Helder lhe disse que havia recebido prêmios de literatura e que se sentia incapaz de falar sem escrever; gostaria de ser um pregador evangélico, mas não sabia o que fazer.

O padre hesitou em responder-lhe, porque não queria magoá-lo. Mesmo assim, destacou-lhe a pretensão, ao afirmar-lhe que ele pregasse a doutrina e não se detivesse a burilar frases e mais frases; nada de exibição, visto que é em uma igreja que ele está e não em uma academia. Nesta, sim, esse tipo de coisa é louvável; naquela, é ridículo.

Outra vez, Deus deu-lhe outro empurrão. Tal resposta do seu colega não lhe foi tão fácil escutá-la. Sentiu-se perturbado. A verdade dói, dói muito, mas exige que seja proferida. Palavras amáveis, aparentemente, soam tentando esconder as mentiras e as falácias de outrem. Estas até nos consolam e satisfazem-nos, encantando o nosso ego, entretanto, não são estas que nos formam e nos alimentam nas difíceis situações.

Dom Helder, homem de Deus, não se irritou. Admirou a franqueza do irmão e aceitou suas correções, como sendo um aviso de Deus.

3) Experimentei meio tímido;

A partir daqueles instantes de prosa com o pregador missionário, Dom Helder arriscou-se. Arriscou-se porque se fez servo do Senhor. Por Ele e pela sua Igreja, deu a vida. Abaixo os discursos complementares e meticolosas preparações. O Evangelho passou a ser a medula de suas pregações. Varridos os discursos eloqüentes, ocupou lugar, então, a meditação diante de Nosso Senhor Jesus Cristo.

4) Documentando a teoria

A palavra, quando viva e exemplificada, assume total eficácia na aproximação das pessoas com o seu Criador. Deus está sempre à espera do pecador. A sua disposição, estão delineados caminhos, atalhos e lugares que apontam pistas a um encontro do Absoluto. O amor próprio e, muitas vezes, o respeito humano constituem obstáculos à busca do verdadeiro Deus.

Se quisermos enxergar as vias de acesso para a verdadeira Igreja, que é Cristo, basta olharmos os pobres ao nosso redor, basta que nos insiramos na comunidade de fé e, desde a madrugada até cada ocaso do dia, as chances nos virão. Todo esse desprender-se, cair e levantar-se, é uma oração, um hino de louvor e glória diante do Criador.

5) Comove, profundamente, a misericórdia de Nosso Senhor.

Exemplos de paciência e de ternura, por parte de Jesus Cristo, para com os pecadores, têm maior efeito; encoraja as almas, possibilitando-lhes momentos de conversão. Dom Helder afirma seguramente tais constatações, porque essa prática do Mestre frente aos pecadores não significa um estímulo a novas culpas, mas testemunha todo o seu amor misericordioso pela criatura humana.

6) Quanto menos se impõe mais se consegue.

A imposição é algo que afasta as pessoas da convivência humana. Amar é ser livre. Se alguém se vê acorrentado, esse alguém tem dificuldade de relacionar-se satisfatoriamente. Logo, a liberdade é um alicerce para a construção de uma sã convivência. Assim sendo, alguém, quando livre, sente-se capaz de ser em plenitude, de atuar nos variados setores da vida; é capaz de refletir e de estar em comunhão com os seus semelhantes.

3.1.3 Declarações testamentárias

1) Sejam quais forem as circunstâncias de minha morte,

Confiante na palavra de Deus, ciente de haver cumprido com afinco sua missão aqui, na terra, Dom Helder não teme a hora final, sua partida definitiva à casa do Pai, Ele deseja unicamente ser fiel à voz do Pai Celeste.

2) Peço aos meus amigos

Compara o céu a uma missa perene.

Não se interessa por um pomposo funeral; aos amigos, pede que o enterre com um paramento roxo, dos mais pobres e usados. Roxo é a cor litúrgica do tempo quaresmal e do Advento. Tão grande é a sua segurança, que ele não vacila, ao asseverar que qualquer que seja o local de seu sepultamento, o Bom Deus virá encontrá-lo para a ressurreição.

3) Não se fiem

Pede, outrossim, aos seus que não se iludam com algum tipo de bondade, que porventura, possa ele alcançar. Afirma-lhes que ele viveu entre gente simples. Solicita-lhes que não façam promessas, mas que rezem por ele, porque, como um bom crente, na justiça divina, acredita no poder das orações dos seus companheiros de luta, sabendo que suas preces anteciparão a sua entrada no céu.

4) Quero agradecer de público

Revelou sua gratidão a Deus, que o chamou à vida, tirando-o do nada. Prosseguiu no agradecimento, destacando o chamado à vocação sacerdotal.

Dirigiu-se a Jesus Cristo, na esperança de que Ele e somente Ele pôde preencher todas as suas falhas.

5) Cometi que eu saiba,

Reconheceu-se pecador e então se penitenciou, acusando três grandes pecados cometidos, os quais, segundo ele, foram graves ao seu espírito sacerdotal.

a) Ter sido político. b) Ter sido burocrata. c) Ter montado casa.

Tentando sanar possíveis escândalos, que essas culpas tenham causado, ele teceu longos comentários acerca de cada um deles.

a) Incursão sobre a política

Ao narrar sua entrada na política, Dom Helder afirmou que se filiou a um partido de tipo fascista; o integralismo brasileiro. Já era interessado por movimentos sociais, mesmo antes de sua ordenação sacerdotal, a qual lhe ocorreu com a idade de vinte e dois anos e meio e para a qual lhe foi concedida uma licença especial da Santa Sé Apostólica.

Foi colaborador e membro integrante de um movimento proletário cristão: a Legião Cearense do Trabalho. Em conformidade com os seus dirigentes, organizou a Juventude Operária Católica (o Jocismo) e a Sindicalização Operária Católica Feminina. Também ofereceu sua contribuição à organização da Liga dos Professores Católicos do Ceará.

Em meio ao seu zelo e desempenho em todas essas tarefas e combates, surge a Ação Integralista Brasileira. Ele reconheceu o quanto foi difícil ao homem cidadão de dois mundos, manterem-se em equilíbrio, nessas horas.

E, como homem do povo, urge que ele se pronuncie. Não querendo agir sozinho, foi ter com o seu arcebispo; expôs-lhe o fato e deixou que ele tomasse a melhor decisão. O arcebispo concordou que ele ingressasse no integralismo. Porém, com o advento da guerra de 1942, o Brasil com os seus aliados, foi lançado contra o nazi-nipo-facismo; portanto o integralismo, juntamente com seus adeptos, passou a constituir feia nomenclatura e todos foram apelidados de traidores do Brasil.

O lema; “Deus, Pátria e Família”, tachados de ridículos, em virtude de algumas exaltadas camisas verdes haverem atentado contra o Palácio Guanabara, sede do Presidente da República.

“Não usei mais o lema”, disse Dom Helder, mas o mesmo não deixou de ser por mim querido.

Ainda na sede do integralismo, provou os erros do racismo; combateu, sem se acovardar, o estado totalitário, cuja pretensão era o esmagamento da pessoa humana, abolição da família e da igreja.

Seu abandono pela política partidária teve lugar no momento em que ele se mudou para o rio de Janeiro, em janeiro de 1936. Embora longe da política, ele assistiu lá, no Rio, algumas seções do Supremo Conselho Integralista, pensando promover segurança do ponto de vista religioso à pureza doutrinária dos documentos fundamentais do movimento.

Liberto dos elos partidários declarou que jamais queria ser político. Seu ideal político, desde aquele instante consistiria em ser da política da cruz de Cristo e que somente um seria seu chefe dali por diante até o fim de sua vida: o Santo Padre, o Papa.

Esclareceu-nos quanto à Liga Eleitoral Católica (LEC). Organização que teve por objetivo contra-indicar elementos avessos à doutrina católica; não formaria chapas e, dentre os aprovados, todos seriam votáveis.

No Ceará, o arcebispo decidiu organizar chapas, incluindo elementos de todos os partidos. O integralismo foi incluso e apenas o Partido Social Democrático, excluído. Caso interessante: partidos com programas social-democratas combateram o PSD, unindo-se para isso a um partido nacional-corporativista O PSD, ao combater seus adversários, prejudicou consideravelmente a constituição que era social-democrática.

O arcebispo recorreu a Dom Helder, a fim de que, como padre e de fácil oratória, fosse ele propagandista da LEC.

Imbuído de espírito fraterno, Dom Helder teve um anseio de que determinados comícios fossem varrido de sua vida; comícios estes em que Dom Helder, movido pelo euforismo e pela mocidade, fez comentários injustos contra partidários do PDS e contra os comunistas também.

Dom Helder via sempre o comunismo como um movimento complexo; sentia-se mais irmão do comunista que tinha sede de justiça social e se revoltava contra a exploração dos pequenos do que do burguês, prepotente, culto, fino, auto-suficiente e anticristão.

b) Nas malhas da burocracia;

A LEC alcançou vitória. Dom Helder foi nomeado diretor do Departamento de Educação do Ceará.

Percebendo a possibilidade de choque entre o integralismo e o governo local, ele analisou a situação delicada na qual estava o arcebispo, como autoridade eclesiástica e a situação do executivo. Daí acatou o convite vindo do Rio de Janeiro para ir trabalhar no setor educacional da Prefeitura do Distrito Federal. O arcebispo lhe concedeu a devida licença e ele ocupou o cargo de assistente técnico da Secretaria Geral da Educação e Cultura do Distrito federal. Todos os alunos das escolas públicas tinham suas promoções sob o controle de Dom Helder Camara.

Em reconhecimento ao apreço que o magistério carioca lhe reservara, Na primeira oportunidade, Dom Helder solicitou ser submetido a uma prova pública de habilitação pedagógica. A oportunidade veio, ele fez a prova e foi classificado. E cada vez mais ia se adentrando na burocracia.

Passados dias, conversou com o cardeal Dom Sebastião Leme e sugeriu-lhe largar o ministério. Queria ser 100% padre. Sua Eminência examinou o problema e, em resposta disse-lhe que ele deveria continua onde se encontrava.

Nomeado o novo arcebispo de Fortaleza, Dom Antônio de Almeida Lustosa, logo foi Dom Helder ter com ele. Expôs-lhe as causas por que ali estava e ainda lhe afirmou que não gostaria de permanecer no Rio de Janeiro, nem regressar ao Ceará. E o arcebispo lhe falou que a Providência o queria ali, onde ele se achava.

c) Com responsabilidade de família

Devido às circunstâncias, viu-se forçado a montar casa no Rio de Janeiro e a assumir, em boa parte, responsabilidade familiar. Não estava contente com isso. A consciência o acusava de que os mereciam apoio e certo conforto. Outra vez, Deus era bom para com ele; dá-lhe a liberdade de escolha e ele, após aceitação, descobre que os familiares obtêm uma residência sem que ele lhes assista.

6) Não tenho inimigos

Se bem que as incompreensões com pessoas queridas, o afastamento de outrem tivessem ocasionado tristezas e desolações, mesmo assim o ódio, o rancor não encontrou espaço no seu coração. Aproximou-se sempre de todos, venceu o

medo e o amor próprio. Explicou às pessoas as suas intenções, pediu-lhes desculpas, caso se sentissem injustiçadas com as ofensas que lhes pudesse ter praticado. Para ele, não odiar não lhe custava tanto. Atribuiu o mérito ao Bom Deus.

7) Tenho amigos em quantidade

O falecimento de Dom Sebastião Leme trouxe para dom Helder um consolo; não pela morte do prelado, mas por ter ele, Dom Helder, se tornado confidentes de inúmeras pessoas. Todas elas lhe relataram gentilezas recebidas por parte do arcebispo já falecido. Dom Helder a todas ouviu com afeto, sem fazer acepção de pessoas. Ele lembrou que na pátria celeste, caem as vicissitudes e todos se entendem e se abraçam como anjos.

8) A maior graça que recebi de Deus.

Celebrar a Eucaristia assumiu valor inestimável para Dom Helder. Cada dia mais, ele se via agraciado pelo Pai Celeste.

9) Nada tenho de meu

Não se apegou a coisa materiais, nem a fama. As duas casas deixadas pelo seu pai, aqui, na terra, não lhe despertaram nenhuma ambição economicamente. Também não adquiriu para si imóvel de tipo algum; até mesmo essa palavra lhe soara mal aos ouvidos, era ridículo. Seus livros já haviam sido doados, desde muito ao Pe Álvaro Negro Monte. Nada de marcá-los com assinatura; o mesmo foi extensivo às roupas e às lembranças pessoais.

10) No peito de Nosso Senhor;

Enfim, aliviado e consciente de sua bela missão, Dom Helder se aproximou de Cristo. Reclina a cabeça tranquilamente, porque se sentiu amado e foi sempre acolhido por Ele. Como João Evangelista, ele também pôde estar com sua cabeça reclinada ao peito do Mestre. Daí pôde ele afirmar: “Em tuas mãos, Senhor, entrego o meu espírito”.

3.2 ALGUNS POEMAS DE DOM. HELDER CAMARA

1. Vocação

Da galheta cheia
 Uma só gota
 Foi chamada a participar
 Da oferenda divina.
 Por que aquela e não outra?
 Não vemos nada. Comoveu-se a placidez da água restante
 Que logo a seguir
 Lavou
 Humilde e feliz
 As minhas mãos de pecador
 (Deserto é Fértil, p. 17).

No poema “Vocação”, ele se revela humilde, reconhecendo sua fragilidade e atesta na palavra de Cristo, crente de que na missa, transforma-se em sacerdote por excelência, onde, juntamente com aquela água, ele será limpo e purificado. Ainda recorre a elementos lingüístico-literários, ao afirmar uma metáfora, atribuindo vida e sentimento à água, sob o ponto de vista da emoção e da sua participação no mistério.

É grande a sua segurança, quando se arrisca ao emprego do advérbio “Só”, pois uma palavra tão pequenina vem expressar, assim, um vasto conhecimento de que no campo literário, as evidências se sucedem; todavia, apenas uma vem clarear a mente de um místico, na tentativa de pousar seu olhar num terreno que se alarga frente a uma assembléia litúrgica, como o é a missa. Recorre ele ainda à colocação de um verbo no infinitivo “participar”, uma vez que esse tempo verbal nos dá uma abertura, não restringindo o espaço, nem tampouco fixando um momento decisório, é agora ou hoje e fim. Não. Significa um apelo constante. É sempre tempo, há um ir e vir que não conhece ocaso. Ao afirmar; “não vemos nada”, isso é muito forte, porque algo nos é mostrado. No entanto, a sua

alma mística nos revela que, por trás de um mínimo que vem, talvez, como um símbolo, uma direção nos é indicada o viver para, o juntar-se a.

Cheia estava a galheta, mas foi aquela gotinha que teve o exercício de ação. E por quê? As outras não se transformariam em gotas, caso fossem selecionadas? Na minha análise de aluna, interessada pela língua portuguesa e também curiosa em ler obras contemplativas, digo que sim, porém assevero que, aos olhos de um asceta e místico, como fora o Dom da Paz, toda essa sua linguagem demonstra a grandeza existente até na menor das criaturas e que o belo e o serviço estão ao alcance de todos. Não há um que vem melhor servir; há diferenças de um modo de servir.

2. Se discordas de mim, tu me enriqueces...

Se és sincero
E buscas a verdade
E tentas encontrá-la como podes, ganharei.
Tendo a honestidade
E a modéstia
De completar com o teu
Meu pensamento,
De corrigir enganos,
De aprofundar a visão...
(O Deserto é Fértil, p. 29).

No poema “Se discordas de mim” ele se regozija, sente-se um irmão entre os demais, aceitando as diferenças e sentindo-se capaz de um crescimento à vida interior. Utiliza a forma da segunda pessoa do singular, varrendo, dessa maneira, as formalidades e o poder; também pronomes possessivos “meu” e “teu”, um jeito de estreitamento de amizades com os seus semelhantes”.

Como poeta da esperança que foi o nosso Dom confia que o ser humano é capaz de mudança, de uma renovação interior. Não é necessário que as pessoas pensem igualmente, não é necessário bajular. O importante, porém, é que as pessoas se sintam valorizadas no seu eu e que elas saibam o porquê de sua tomada de decisão, sem ressentimentos, ou quaisquer tipos de violências; conviver

com o diferente é saber usar de sabedoria, descobrindo, assim, sua capacidade de amar e amar como Jesus amou.

3. Lições que não nos devem escapar

Diante do colar
-belo como um sonho-
Admirei, sobretudo,
O fio que unia as pedras
E se imolava anônimo
Para que todas fossem um.
(Deserto é Fértil, p. 88).

O verbo “imolar” vem, aqui, dar brilho a todo o poema, visto que ele representa mais que uma dádiva; ele expressa o sublime gesto de uma doação; doação esta que só a vê aquele que caminha silenciosa e altruistamente”. Por que tanta beleza no colar? A obra já está pronta, no entanto, quantas pedras pequeninas se juntaram! Quanto trabalho ali dedicado, a fim de que olhos humanos o pudessem admirá-lo! Sim, tudo isso é verdade, todavia, o pequenino e grande também se encontrava por entre cada uma das preciosas pérolas. Sua grandeza consiste exatamente nessa união e sustentáculo, pois se aquele fio não existisse, ou, por acaso, viesse a romper-se, como o referido colar poderia apresentar-se aos nossos olhos? E ele, justamente, quieto, sem exibição alguma, vai doando-se, doando-se, para que usufruamos de tamanha beleza.

4. Pensas então

Pensas então,
 Que as fraquezas da Igreja
 Levarão o Cristo
 A abandoná-la?
 Quanto mais
 Nossa fragilidade humana
 Atingir a Igreja
 - que é nossa e d'Ele -
 Mais
 Ele a sustentará
 Com seu apoio
 Com seu carinho.
 Abandonar a Igreja
 Seria o mesmo
 Que abandonar seu próprio Corpo...
 (O Deserto é Fértil, p. 73)

A Igreja não significa apenas o prédio, a instituição. A Igreja representa a comunidade cristã de fé. Essa comunidade somos nós, pessoas humanas que vivemos inseridas no cotidiano da vida; e assim sendo, carregamos nossas fraquezas, ao lado das nossas qualidades. Quem melhor do que outros para deixar alguém na exclusão? Isso demonstraria um não conhecimento de si próprio. A Igreja é santa, quando somos santos; é pecadora, quando assim o somos. Nada de afastamento do convívio eclesial, devido a falhas, ou deslizes de uns tantos. O acolhimento se faz necessário, cada vez que um irmão se sente desencorajado a prosseguir em suas tarefas. Cristo fundou a sua igreja, escolhendo pessoas humildes, que viviam no meio do povo; pessoas que lidavam com muita sorte de dificuldades. Ele estava ciente daquela realidade, contudo, não recorreu à corte celeste, para sanar esse mal. Ele entregou a responsabilidade da sua Igreja aos humanos, acreditando que eles foram criados à imagem e semelhança de Deus e, acreditando, outrossim, que o ser humano tem suas potencialidades e que estas serão desenvolvidas ao longo do tempo, com a ajuda dos irmãos.

5. Põe o ouvido no chão...

Põe o ouvido no chão
 E interpreta os rumores em volta.
 Predominam
 Passos inquietos e agitados,
 Passos medrosa na sombra,
 Passos de amargura e de revolta...
 Nem começaram ainda
 Os primeiros passos de esperança.
 Cola mais teu ouvido a terra.
 Prende a respiração.
 Solta as antenas interiores
 - o Mestre anda circundando.
 É mais fácil que falte
 Nas horas felizes
 Do que nas duras horas
 Dos passos incertos e difíceis.
 (O Deserto é Fértil, p. 54).

É interessante observar o modo verbal: “o imperativo” de certos verbos, como; põe, cola solta, prende. Em se tratando de um discurso, podemos encará-lo sob dois aspectos: um forte autoritarismo, quando se refere a uma relação e patrão e empregados; classes privilegiadas e os que são tidos subalternos. No caso do escrito de Dom Helder, tal idéia não encontra espaço. Seu apelo é de esperança, considerando que a humanidade está grávida dos anseios de liberdade e desejo do infinito. Os ruídos externos tentam sufocar esse tão grande bem que mora no recôndito do nosso coração, entretanto, vale uma pausa à contemplação; soltar as antenas interiores que dizer deixar falar a voz que há muito vive presa em nós, porque não lhe damos ouvido, iludindo-nos com bagatelas e quinquilharias. Só os feitos da mídia nos atraem não se tem mais tempo para admira as coisas bonitas que circulam ao nosso redor. E com afirma o Dom da Paz: “O Mestre anda circulando” Ah como seria bom, se eu, você, nós, todo ser humano quisesse enxergá-lo! Como atestamos na Celebração Eucarística, “Ele está no meio de nós” e não somente naquele espaço físico de alguns instantes, mas sempre, aonde quer

que estejamos; E por que tanta desordem, arruaças e desespero entre os humanos? Em virtude de estarmos surdos e nos acovardarmos. A covardia é surda, só enxerga o que convém.

6. Nossa Senhora dos cuidados humanos

Mãe me alegra tanto.
 Ver o globo em tuas mãos!
 Mas é globo muito pequeno
 E temo que dentro dele
 Nossos grandes problemas, nossas grandes angústias,
 Sofram muita redução.
 Olho de novo
 E descubro;
 O globo pequeno
 Tem justamente a virtude
 De reduzir ao tamanho exato
 Os dramas que nos parecem imensos
 E, no entanto, cabem e sobram
 Na concha de tuas mãos!
 (Um Olhar sobre a cidade, p. 40).

O globo, ao representar o mundo, dá-nos a impressão de que tudo ali já está contido, e não há mais o que se esperar. Mesmo assim, ele abre um espaço a questionamentos, os quais só irão encontrar respostas, quando estabelecermos um paralelo entre a quantidade de países, cidades, vilas logradouros e tantas outras coisas nele representadas e a ilimitação da bondade divina. A terra é um bem para todos, desde que se reconheçam o valor e a necessidade dos que nela habitam. O adjetivo “pequeno” vem demonstrar, com clareza, a ambição crassa dos “donos” desse solo, impedindo que uma grande maioria possa pisá-lo firmemente, sem que venha arrastar-se com répteis”.

As mãos maternas de Maria aconchegam todas as dores dos filhos sofridos que se vêem sem teto, sem carinho e abandonados do seio da sociedade que se compraz em acumular, consumir e também amparar os que já tudo possuem

materialmente. Essa virtude de redução significa mais que um consolo, mais que um simples olhar. É um estar com, é um acompanhar e um carregar no seu colo materno.

7. Editorial para 30 de abril

Se dependesse de mim,
O Criador e Pai
Baixaria edital
Ordenando
Que no início do mês de maio
- mês de Nossa senhora-
As roseiras do Mundo Inteiro
Fizessem abrir

Suas mais belas e perfumadas rosas
Em louvor da Rosa Mística:
Todas as estrelas
De todo o céu
Cintilassem
Com brilho ainda mais puro
Em louvor
Da estrela da Manhã;
Houvesse curas
De enfermos sem conta
Em louvor da saúde dos enfermos;

Houvesse perdão
De todos os pecados de todos
Em louvor do refúgio dos pecadores;
Ninguém ficasse triste
Em louvor
Da Causa de Nossa alegria.

Exagero? Superstição? Ela é Mãe dos Homens, Mãe da divina Graça, Mãe dos.
pecadores.

(Um Olhar sobre a cidade, p. 40-41).

Roseiras, perdão, mês de maio louvor, palavras que exprimem forte desejo de alívio, calma e encontro. A figura de Maria apresentada sob vários títulos, tais como: Refúgio dos pecadores, Causa de Nossa Alegria, Estrela da Manhã, abarca toda uma gama de sabedoria do Pai Celeste e vem, por assim dizer, estimular o amor desse bispo a se esmerar nos escritos e a deleitar-se nas horas meditativas diante do Criador, porque ele viveu momentos de êxtase, sabendo confiar no plano de Deus, e concretizou-o com testemunhos de sua entrega total à causa da justiça.

Pronomes indefinidos: “ninguém” e “todos” são destaques no poema, mais uma vez enfatizando a credibilidade do nosso profeta, Helder Camara, na pessoa humana, esta pessoa, muitas vezes, frágil, cheia de vicissitudes e esmagada pelos sofrimentos diários; no entanto, essa mesma pessoa tem grandeza, tem potencialidades a desenvolver e todo um cabedal de conhecimento da vida; e dessa forma, ela se deixa conduzir pela estrada de um querer “ser”, isto é, descobrir-se e viver harmoniosamente. Todo aquele que se põe no caminho de descobertas, detectando erros e acertos, querendo corrigir e desenvolver todo um cabedal de conhecimento da vida.

3.3 SINFONIA DOS DOIS MUNDOS

E por falar em Sinfonia dos dois mundos, o que é então esse tesouro? Que mundo? E essa tal sinfonia, como surgiu?

É uma obra preciosa e cuja preciosidade encerra todo um modo de ser e de viver confiante do nosso Pastor, Helder Camara.

Ele sentiu a necessidade que, não somente o Nordeste, mas toda a América Latina deveria estar apta a um trabalho de mudanças. Mudanças estas que não representariam apenas no plano sociológico, no setor urbanístico, na informatização de empresas, enfim em um progresso tecnológico. E todos esses bens não são melhorias à humanidade, não constituem avanço de um mundo? Mas é lógico. Quem ousa dizer que ele estaria contra a tais descobertas e desenvolvimento?

Então o que esse bispo tanto sonhara e quisera?

UM BEM que não é privilégio de uma classe poderosa; *um bem* que não se compra em shopping-centers, nem em lugar algum. Não porque seja mercadoria em escassez, não porque seja o nosso tempo exíguo para procurá-lo. De maneira alguma. O valioso bem está ao nosso alcance; é uma dádiva do nosso Pai Celeste. Já o possuímos e não queremos dá-lo, ou lhe atribuímos uma indevida nomenclatura.

A JUSTIÇA eis o nome verdadeiro do grande tesouro, o qual, uma vez em prática, deixa transparecer sua outra face: o **AMOR** e ambos abraçados e de mãos dadas seguem estradas afora em busca da **PAZ**. Paz que não significa ausência de guerras, somente um falar baixinho concordância com todos e com tudo, silêncio e omissão. Se assim fosse, seria uma covardia, um fracasso e frustração no plano do Criador.

Se quisermos a paz, devemos lutar, correremos atrás dela e, pôr-nos à estrada, pois quando os companheiros de luta são irmãos, vale a pena ser peregrino.

A palavra **PAZ** ocorre alhures nos livros, nas homilias dos padres e pastores; nas palestras e nas conversas informais, a todo instante. Entretanto, algures, ou talvez, nenhures, conforme a sua compreensão e praticidade.

Dom Helder, percebendo o esmagamento do ser humano, por parte do “Ilustre Progresso”, clamou por um mundo mais justo e mais fraterno. Não seria esse bispo comunista, bispo “vermelho?” Isso lhe competiria? Que as autoridades cuidem dessas coisas, porque tarefa de religioso é pregar o Evangelho e não meter-se em confusão.

Como Profeta, Dom Helder se viu no direito de olhar as estruturas maléficas do mundo, a fim de poder denunciá-las, indubitavelmente. E, contando com a ajuda de amigos, jovens, maestro, os quais, ouvindo o apelo da realidade, dispuseram-se a caminhar com o nosso profeta, juntando os retalhos para a bela colcha sinfônica. O padre suíço - Pierre Kaelin foi mão forte nesse tão belo trabalho poético.

Vendo seu sonho realizado, Dom Helder pôde, com o auxílio da música e ainda mais vendo expressos seus textos, soltar sua voz ao mundo, louvando, confiante de estar inteiramente livre, participando das maravilhas que a criação encerra.

“Para o místico, a linguagem impõe uma distância de alma para alma, da alma para Deus”. O mundo da fala seria, portanto um universo da relatividade generalizada, onde a redenção só seria possível na graça da evasão (GUSDORF, 1952, p. 13).

Citando alguns trechos do texto da **“SINFONIA DOS DOIS MUNDOS”**, no qual o profeta, Helder Camara nos alerta, proclamando:

“Os fracos descobrem que eles se tornam
Fortes e invencíveis na medida em que
Se encontrarem, em que se unem,
Não para pisar direitos dos outros,
Mas para impedir
Que se pisem seus direitos fundamentais,
Que não são presentes
Dos Governos ou dos Poderosos...

É um presente do Criador e Pai!”
(CAMARA, 1985).

Apreciemos o III Movimento da Sinfonia, cujo título é: “Quem vai ganhar?”:

Tu sabes muito bem,
Homem, meu, irmão.
Que és suficientemente fraco
Para fazer deflagrar
A 3ª e última Guerra Mundial,
Com o tristíssimo poder
De suprimir a vida na face da Terra
E que tu és suficientemente forte
Para suprimir da terra
A miséria e, sobretudo, a dominação.

Observamos, nesse caso, que a autêntica linguagem atua claramente numa dada situação, querendo, por assim dizer, ser uma reação a esse contexto. Dom Helder nos mostra o quanto as situações possam e devam ser renovadas no decurso de toda uma vivência pessoal, ou comunitária. É uma palavra comprometida com o homem e também com o mundo.

As palavras têm uma consistência, a qual envolve todo o universo. Uma vez utilizada corretamente, a linguagem contribui e enriquece o bom funcionamento do mundo e ainda favorece a uma celebração da liturgia cósmica. A consciência humana dos valores se mostra, de qualquer forma por esta íntima ligação da linguagem com o ser humano.

Ao pensar e em elaborar esse tão belo escrito-SINFONIA *dos DOIS MUNDOS*, o autor tinha diante de si a palavra divina, o significado divino da linguagem. Foi a palavra de Deus que trouxe o mundo à existência. Deus falou e as coisas começaram a existir. Há sempre uma intenção que é anunciada no proferir de cada palavra.

Um dos sonhos do nosso pastor foi sempre o de varrer a miséria da nossa sociedade brasileira, principalmente, da nossa sociedade nordestina, onde o

pobre é cada vez mais pisado e esmagado pelos “poderosos”. E daí ele prossegue recitando no IV Movimento da Sinfonia dos dois Mundos:

Atenção, meus Irmãos-Homens!

A violência nº 1

É a Miséria!

Miséria que engloba

Sub- habitação, sub- trabalho,

Sub-diversa, sub sub-saúde,

Subvida,

Opressão...

Dominação!

O Reino de Deus tão sonhado por nós todos já deve ter seu início aqui, entre nós. E não ficarmos a sua espera somente lá, na eternidade. Dom Helder, além de profeta, foi também poeta, isso está bem expresso nos seus escritos. Como poeta-místico, a sua voz vai sempre encontrando eco, graças a uma ascese que o torna liberto das amarras e do homem velho de cada dia. O poeta executa a restituição da palavra, palavra que se faz viva e por isso leva-nos a uma reflexão, facilitando assim que esta palavra possa ressoar. As ressonâncias são acrescentadas à fala e acontece o seu sucesso. Às palavras é oferecida toda fluidez e justiça, até mesmo, quando se faz necessário obedecer ao estilo.

Homem de palavra, Dom Helder soube firmar-se no seio de nossa tão ambígua realidade; foi ele uma referência e um marco na história desta nossa Igreja de Olinda e Recife. Um ambiente verdadeiro logo se cria ao seu redor, por causa da sua tão brilhante personalidade. O cultivo da verdade assemelha-se a uma luz; e esta, ao irradiar-se, remete cada ser para si mesmo, obrigando-o a auto-avaliar-se, porque a intrínseca eficácia de sua linguagem possui alto teor a ponto de haver grande adesão por parte de outrem. Façamos uma retrospectiva aos grandes mestres, como Gandhi, Platão, Cristo, Sócrates, Luther King, todos eles impuseram aos seus interlocutores certa autoridade, da qual eles próprios foram os beneficiados, dela se servindo.

Quando este prefixo *SUB* irá desaparecer do nosso vocábulo? Enquanto ele sobreviver, dominará a opressão e os bens, aos quais as pessoas têm direito, a estes, elas não têm acesso, devido à má distribuição de rendas e ao acúmulo das

riquezas, concentrados nas mãos de uns poucos, empurrando uma grande maioria ao abismo da miséria.

O ser humano não nasceu para viver na miséria. A criação, com toda a sua exuberância, está posta a sua frente. Urge que ele desfrute de cada um de seus dons; todavia, como poderá ele fazê-lo, se os “donos” das terras fecham-lhe as portas? Jamais a fruição terá lugar, dentro desse contexto desumano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dom Helder enxergava tudo em Deus. Seus escritos falam muito bem disso. Sentia o amor de Deus em todos os seus contatos com a vida, principalmente, quando encontrava pessoas e, de um modo particular, os pobres. Amava a literatura, foi místico e poeta. Como poeta, encontrava as maravilhas de Deus em cada realidade nova. Seu coração cantava diante da música, mesmo não tendo uma voz melodiosa; no entanto sabia quando esta o impulsionava a melhor associar seus escritos à realidade de seu povo nordestino.

Como em todo místico a fonte verdadeira é o amor, nele não poderia ter sido diferente. Seu amor estava ligado à beleza, à pessoa humana como um todo. Fracassos, injustiças, pecado, tudo isso ia por água abaixo, porque o amor é forte e este fala mais alto. Não se fechava em seus aposentos, querendo livrar-se dos que o procurava, para que não fosse incomodado. Seu amor era ativo, vivia-o entre os irmãos, olhando para o futuro, com a esperança de um advento de um mundo de paz, esta paz tanto esperada por todos, e, às vezes, até com pouca esperança de ser encontrada; contudo, o DOM da Paz jamais desistira de encontrá-la, porque acreditava na força de um povo unido e lutador. Ele prosseguiu nessa busca, tentando alargar horizontes, reivindicando direitos e ajudando a quem queria enxergar, os meios de como ir em frente.

Ele sentia no seu coração que um mundo novo estava para chegar e nesse novo mundo, os pobres cantariam vitórias. Sempre foi um altruísta: o outro constituía parte de sua vida. Todos se sentiam bem e valorizados ao seu lado, desde o mais humilde de qualquer favela quanto os que portavam um anel ao dedo. Nenhuma oposição entre sua vida mística e sua vida prática, o que se revela no seu cotidiano. Inveja, competição, ciúme, tais bobagens não encontraram lugar em seu coração, porque sua grande preocupação era a dilatação do reino de Deus, o qual ele já o pregava e vivia conosco. Em sua maneira de ser, foi ele um educador, um pedagogo. Apesar do poder de arcebispo e do renome nacional e internacional, a todos se dirigia de forma simples, considerando-os seus irmãos. Foi um profeta, anunciou o reino de Deus e sua grandeza, mas também denunciou as injustiças,

contidas nesse próprio mundo, causadas por aqueles que se faziam e ainda hoje querem ser cegos. Como educador que fora, inspirou no âmbito do processo de evangelização, o MOVIMENTO ENCONTRO DE IRMÃOS(MEI)..

Já em idade avançada, conservava-se sempre jovem, através da alegria, a qual nascia de sua contemplação diária, nos momentos de silêncio, em plena madrugada. Essa sua jovialidade é demonstrada pela paixão e pela alegria à música, pela poesia e também pelo carnaval.

Cada ano, por ocasião do seu natalício, o Bloco da Saudade estava diante de sua casa a tocar, a dançar e a compartilhar alegria com todos os amigos e moradores daquela adjacência. Dom Helder viveu e nos ensinou a ser igreja: uma igreja diferente daquela traçada em quatro paredes, onde apenas um, o maior, é quem sabe e quem fala.

A covardia não foi sua amiga. Por ser uma pessoa fraterna, foi capaz de dizer a verdade aos seus colegas padres e bispos, sem lhes desrespeitar, nem tampouco, humilhá-los. Isso não o fazia pelas costas, porque seria uma covardia. O Misticismo ainda, em nossos dias, continua a ser algo de expectativa e de curiosidade. Isso não é devido a sua força nem ao seu valor, mas em virtude de uma maior abertura às diretrizes religiosas. Tomemos por exemplo, no âmbito da Igreja Católica. Quantos e quantos são os que ainda não conhecem tal espiritualidade! Por quê?

Por um longo tempo, os ensinamentos católicos se limitavam apenas à vida sacramental. A preocupação dos padres e pessoas cristãs era que todos fossem batizados, freqüentassem o catecismo, cumprissem o preceito dominical, e por fim, casassem-se na Igreja.

Oração? O pai Nosso, as Ave-Marias, Salve Rainha e jaculatórias, essas sim eram rezas. Se alguém estava em silêncio, no seu quarto, logo era sinal de doença, ou outra coisa qualquer. Contemplação? Só se fosse um ou outro padre de nível mais elevado.

Os místicos que nos eram apresentados, como Teresa de Ávila, Francisco de Assis, estes foram santos, porque muito rezaram e deixaram as coisas do mundo.

Ao longo do tempo, fui percebendo que a carência informativa crescia no meio do trabalho missionário e pastoral das comunidades religiosas católicas.

A experiência religiosa, o silêncio, o retirar-se, para uma melhor vivência ascética, constituíam algo gritante em algumas pessoas que tinham uma vida dinâmica, junto ao povo. Comecei a interessar-me. Fui assim, uma pesquisadora ambulante. Procurava aquelas pessoas, com elas conversavam, lia uma ou outra obra de um santo e minha crença na vida contemplativa, teve outra direção. Não olhava mais como pieguice, desocupação, conforme escutara dos veteranos que na igreja estavam, cada domingo.

E, à medida que vamos progredindo em determinado assunto, é óbvio, que também surgem indagações, chegam certas dúvidas e uma lista de porquês, visto que a experiência religiosa já se faz presente naqueles, que no seio da comunidade cristã está; todavia, a mística permaneceu como uma luz tênue à qual o fogo jamais foi atizado. Talvez por escassez de material didático-teológico, talvez por defasagem dos orientadores, talvez por um tempo exíguo, por parte dos interessados. Isso ainda é tão gritante, que, aqui, entre nós, de tanto alguém nos interpelar acerca de mística, misticismo, grande maioria passará por ignorante mesmo, principalmente nesta sociedade pluralista e consumista, onde só o capital enche a vista e é alvo de atração e correria. Quem irá ter tamanho zelo por um estudo que não dá lucro? Como afirmam muitos: é perda de tempo, coisa de padre e freira.

O mistério é tão profundo, que quanto mais se busca, mais se quer ir além. Nada de retroceder, pois há uma chama que, ao acender-se, ela vai iluminando aquele interessado e ele começa a cavar, a cavar. Novas descobertas vêm, ele se absorve do encontrado, a porta se abre, ele se depara com mais opções e encantos e a solução é prosseguir. Trabalho bonito, lento e pacificador. Claro, também cansativo, e ainda, desestimulador, visto que há pessoas que por não compreenderem tentam destruir o que temos e nos julgam de “tolos”.

O tema me despertou certo gosto. E tive a oportunidade de conviver com duas pessoas que, mesmo sendo padres, eles tinham o pé no chão. Viviam a sua mística e, se é que podemos assim dizer, eram gentes; nada de alienação e desocupados. Uma dessas pessoas é Frei Angelino Caio Feitosa, ofm., o qual vive, atualmente em Bonança e desenvolve uma experiência mística, quer sozinho, quer num grupo que o acompanha há longo tempo. E a outra pessoa, Dom Helder Camara, que é o tema desta minha dissertação.

Após optar pelo tema citado anteriormente, dediquei-me a leituras de autores que enfocam o misticismo e fui aprendendo, percebendo, enriquecendo, por assim dizer, meu conhecimento, o qual também é restrito, porém quem já o tem por completo? Não somente este tema, mas quase todos representam uma gama de procura àqueles que se destinam a estudá-los. Por isso, constato que, concluindo esta pesquisa, não significa que tudo está consumado. Aqui, encerra-se a parte do escrito, da apresentação; entretanto, as idéias fluem mente afora, as experiências me acompanham e a vida vai me impulsionando.

Observando a experiência do místico, Dom Helder Camara, logo me alertou o modo como ele falava e escrevia. Apaixonada como sou pela literatura e a Lingüística, tentei estabelecer um paralelo entre estas duas grandes maravilhas, uma vez que a linguagem é uma constante no ser humano; ela representa toda uma força, com o seu poder de anunciar e de fazer calar. Ela, a linguagem nomeia o mundo, porque ela é o veículo primário de comunicação. Cada língua é como se fosse um pequeno “habitat”, padrão valorativo se constrói, numa cultura, conforme o léxico.

Daí vemos que toda obra de Dom Helder Camara se encontra em registros literários e assumem, por assim dizer, uma coletânea; de seus escritos, digo melhor, de alguns, porque O DOM da PAZ, de muito, sem escrever, já nos os transmitia através de toda a sua mística, pelo seu modo de viver e de se expressar. Apesar de alguns desconhecedores do assunto, apelidarem-no de “Subversivo”, “Bispo Vermelho”, ele não conheceu fracasso para se afastar do seu objetivo: “defender os pequenos, sem vez e sem voz”. Isso é um reflexo da mística que não

somente ele possuía, mas que também alcançava a dimensão desejada: encontrar o outro.

Lendo alguns escritos de Dom Helder Camara, deparo-me com determinados trechos, nos quais está presente um misticismo. Mística - experiência de Deus. Mística está na linha da oração. É a oração em que se tenta superar os componentes conceituais, também políticos e éticos da fé, para colocar-se na presença direta de Deus.

Cada vez mais, estou convicta de que a experiência do sagrado infunde marcas, as quais nos revolucionam, de tal modo que não podemos agir, como se não as conhecêssemos.

Partindo do pressuposto de que o ser humano se expressa em suas práticas, a experiência do sagrado também ocasiona uma *práxis*, que não pode ser reduzida ao ritual, mas incide na conduta social e individual. É por isso que conjunto de “textos” orais ou escritos compõem toda parcialidade humana, identificada por uma cultura uma ampla visão, a fim de melhor direcionar as atitudes quanto à dimensão religiosa. Entre os diversos tipos de religiões, algumas delas desenvolveram um *corpus* literário, quer no registro da metafísica, quer nos escritos da teologia-doutrina, ética, oração etc.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1984.
- _____. **O que é religião**. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, 31).
- AMSTRONG, Karen. **Uma história de Deus**. Quatro milênios de busca do Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Editora Schwarcz LTDA. São Paulo-Sp, 1998.
- BATAILLE, Georges. **A Experiência interior**. São Paulo: Ática, 1992.
- BROUCKER, José de. **Les Nuits d'un prophète**: Dom Helder Camara à Vatican II – Lectures des circulaires de dom Helder Camara (1962-1965), Paris: *Les éditions du Cerf*, 2005.
- CAMARA, Helder. **Indagações sobre uma vida melhor**: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- _____. **Mil Razões para viver** (Meditações do Pe. José). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- _____. **O deserto é fértil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Pour arriver à temps**. Paris: Desclée de Brouwer, 1970.
- _____. **Sinfonia dos dois mundos**. Orquestra Sinfônica da Paraíba. João Pessoa, 1985.
- _____. **Um olhar sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____. **Utopias Peregrinas**. Recife: Editora da UFPE, 1993.
- CASTRO Marcos de. **Dom Helder**: Misticismo e santidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- CIRANO, Marcos. **Os caminhos de D.Helder: Perseguição e censura**. Recife: Editora Guararapes, 1982. Volume II.
- CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.
- DAVID, Tracy. **Plurality and ambiguity hermeneutics**, religion, hope. New York: Harper and How, 1975.
- ELIADE, Mircea. **Lo sagrado e lo profano**. Ed. Especial, 1967.
- FERRARINI, Sebastião Antonio. **A imprensa e o arcebispo vermelho** (1964-1984). São Paulo: Paulinas, 1992.
- GUSDORF, Georges. **A Palavra, Função, comunicação e expressão**. Lisboa - Portugal, 1952.
- KUSCHEL, Karl-José. **Os escritores e as escrituras**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- LIBÂNIO, João Batista. **A religião no início do milênio**. São Paulo: Loyola, 2002.

- MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras**: teologia e literatura. São Paulo: Paulinas, 2000. (col. Literatura e religião).
- MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura**: reflexão teológica a partir da antropologia emitida nos romances de Jorge Amado. São Paulo. Loyola, 1995.
- OTTO, Rudolf. **O sagrado**. Rio de Janeiro: edição 70, 1970.
- PADEN, William. **Interpretando o sagrado**. São Paulo; Paulinas, 2001.
- SCANNONE, Juan Carlos. **América Latina y la doctrina social de la iglesia**: diálogo latinoamericano-alemán. Buenos Aires: Paulinas, 1991. 5v.
- PILETTI, Nelson; PRAXEDES, Walter. **Dom Helder Camara**: entre o poder e a profecia. São Paulo: Ática, 1997.
- ROCHA, Zildo (org.) **Helder, o Dom**: uma vida que marcou os rumos da Igreja no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. São Paulo; Paz e terra, 1992.
- TENÓRIO, Valdecy. **A bailarina andaluza**. São Paulo: Fafesp, 1996.